

POSTERS:

**PAULINHO, DO
CORINTHIANS, E
MORRINHÃO, DO FLU**

O NOVO PALMEIRAS VAI À LUTA



PLACAR

N.º 921 29/JANEIRO/1988 Cz\$ 100,00

DARÍO PEREYRA

A HISTÓRIA DE UM VENCEDOR

**GUIA DO
CAMPEONATO
CARIOCA**

**EXTRA
SUPERTABELA
DA TAÇA
GUANABARA**

TAÇA GUANABARA 1988

PLACAR





DEMOS UM BANHO

GRID RETROSPECTIVA 87

Nas pistas, os brasileiros deram um banho de desempenho. Fora delas, GRID deu um banho de reportagem. Tudo para levar até você a mais completa e emocionante cobertura do Campeonato mundial de Fórmula 1.

Chegou a hora de registrar os grandes momentos desta temporada. Por isso, GRID lança a RETROSPECTIVA 87, uma edição histórica que reúne o melhor do ano, com fotos inéditas,

descrição das corridas, seus principais acontecimentos e a ficha completa das provas.

GRID RETROSPECTIVA 87 já está nas bancas, com dois brindes grátis para você: um poster de página dupla, frente e verso, com Senna e Piquet e o incrível livreto "Arquivos da Fórmula 1", com a ficha dos GPs desde 1950, os pilotos, equipes e motores, curiosidades e recordistas.

Largue na frente. Vá correndo ao buscar seu exemplar.



Já nas bancas

Emoção à toda prova.

PLACAR

N.º 921

29 DE JANEIRO DE 1988

CARO LEITOR

O repórter Mário Sérgio Venditti acaba de passar três dias na plácida estância paulista de Águas de Lindóia. Não foi exatamente uma temporada de repouso. Sua missão: descobrir, ao lado do fotógrafo Nelson Coelho, como o Palmeiras se prepara, longe do Parque Antártica, para conseguir o que sua torcida tanto deseja e merece — um título de campeão. “Sem exagero, nunca vi o time tão descontraído”, diz Venditti, que faz 24 anos nesta quinta-feira e está há doze meses em PLACAR, habitualmente acompanhando as atividades palmeirenses.

Se não descansou em Lindóia, pelo menos merecia. Afinal, a luta do goleiro Zetti e seus companheiros não é o



Venditti, com o goleiro Zetti: o Palmeiras vai à luta

O APELIDO DELE
AQUI É GATÃO!



único trabalho de Venditti nesta edição — ele também levantou as fichas dos finalistas da Taça São Paulo e localizou, para o “Onde Anda”, o centroavante Vágner, do Guarani.

Carlos Maranhão

SUMÁRIO

4 Guia para acompanhar o Campeonato Carioca

15 De Primeira

16 Guarda a confira: os craques dos juniores

20 Perfil: o são-paulino Dário Pereyra

26 A volta da Evaristo ao Bahia

28 Como o Palmeiras quer quebrar seu jejum

32 Especial: a primeira vez

36 As estrelas se encontram em Limeira

38 Paraná: as novas atrações do Coritiba

40 Luvonor e Zizinho, os gringos do Santos



O primeiro gol de Roberto. E outras surpresas. Pág. 32



Luvonor e Zizinho na Vila Belmiro. Pág. 40



Uma rivalidade divide Julz de Fora. Pág. 44

42 Luís Carlos, ex-Grêmio, chega ao Inter

44 Julz de Fora entra na festa do Mineirão

48 Paulinho reforça o Corinthians

51 Onde Anda... Vágner, do Guarani

53 Entrevista: o vascaíno Dirceu

56 Esporte Total

58 A Semana

61 Tabela

62 Loteria Esportiva

64 Cartas

66 Humor

**TAÇA
GUANABARA**

Um guia para
você acompanhar
a emoção carioca



REZOLINDO MACIELLO

ABRAM ALAS

Ô Rio de Janeiro dá seu grito de Carnaval a partir deste sábado



This One



X8TK-P6C-RB6P

PARA A BOLA

primeiro campeonato do país entra na passarela dos gramados

TAÇA GUANABARA

**Do Zico a
Nebliha, dos 10
de personagens**

São doze clubes de A a V. Doze enredos diferentes fazendo o coração da torcida sambar de emoção. Do sempre querido Ameriquinha até o Volta Redonda, o Voltaço que vem com Nunes de centroavante.

De Cabo Frio a Itaperuna, dos alçapões do interior ao gigante Maracanã. Do Vasco campeão ao Botafogo que persegue o título há dezesseis anos.

Do Mengão de Zico ao Friburguense de Nebliha. Do Bangu de Zagalo, do Flu de Romerito...

A partir deste sábado, 30, a bola começa a rolar nas passarelas dos campos do Rio de Janeiro. Mais um capítulo da história de seu futebol será escrito por mágicos pés calçados de chuteiras.

Entre na festa: acompanhe desde já, nestas e nas seis páginas seguintes, quem são os personagens de uma nova e apaixonante aventura. É um roteiro completo para você curtir. E abram alas, que a bola vai passar.

**UE...NINGUÉM FALOU
QUE O AMÉRICA VAI
MORRER NA PRAIA...**



América: com Renato (ao lado) e o técnico Edu, a volta aos campos depois de seis meses e disposto a brigar pelo título

NELSON COELHO

SERGIO MENEZES



AMÉRICA

América Futebol Clube

Fundado em 18 de setembro de 1904

Técnico: Eduardo Antunes Coimbra, o Edu (40 anos)

Time-base: Paulo Sérgio (33), Polaco (22), Marco Aurélio (20), Denilson (21) e Paulo César (25); Carlos Henrique (22), Müller (28) e Elói (32); Márcio (19), Renato (21) e Gaúcho (23)

Estádio: Wolney Braune

Capacidade: 4 000 pessoas



Afastado das competições oficiais há seis meses — recusou-se a disputar o Módulo Amarelo e fez apenas alguns amistosos —, o América vem com tudo para o campeonato estadual, disposto a quebrar um jejum que começou em 1960.

A única solução era investir. E investir alto. Foi o que fez o empresário Rui Menezes, logo que assumiu a vice-presidência de futebol. Contratou o técnico

Edu e vários reforços — entre eles o veterano Elói —, que irão juntar-se ao experiente goleiro Paulo Sérgio e aos jovens e promissores Denilson, zagueiro, e Renato, meio-campo.

Para deixar o elenco bem condicionado física e tecnicamente, a comissão técnica decidiu levá-lo para a estância hidromineral de São Lourenço, sul de Minas — com direito a todas as mordomias, começando por hotel cinco estrelas. Certas condições, como se vê, não deverão faltar ao Ameriquinha, oitavo lugar no Carioca de 1987. Vontade de entrar em campo também há de sobra: os jogadores não aguentavam mais ficar sem disputar uma partida oficial (a última aconteceu em 28 de junho passado, quando o time foi derrotado pelo Fluminense por 2 x 0).

Para o técnico Edu, irmão de Zico, ainda falta muito para a equipe atingir o ponto ideal. Mas ele não perde o otimismo. "Iremos entrar para ganhar", arrisca. "A torcida espera um título e vamos retribuir com bastante trabalho."

AMERICANO

Americano Futebol Clube

Fundado em 1.º de junho de 1914

Técnico: José Maria Pena (39 anos)

Time-base: Geraldo (25), Jailton (23), Geovani (21), Cléber (30) e Abelardo (27); Índio (32), Carlos (20) e Gilmar (32); Carlinhos (25), Alexandre (26) e Mauricinho (20)

Estádio: Godofredo Cruz (Campos)

Capacidade: 25 000 pessoas

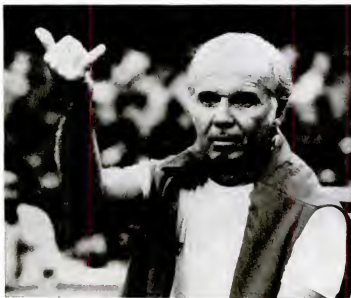


O Americano é o clube mais rico do norte fluminense. Em seu quadro social, reúnem-se grandes usineiros. Nem assim o time conseguiu fazer altos investimentos para a presente temporada. Os homens do dinheiro pareciam ter colocado rateiras no bolso. Desta forma, o único jeito foi se reforçar com jogadores de pouca experiência. Trouxeram o quarto-zagueiro Cléber, do arquinimigo Goyta-



FERNANDO PIMENTEL

Americano: um elenco modesto para o mais rico clube do norte fluminense e que conta com o vento como aliado



APRIL

Bangu: confiança na boa estrela do treinador Zagalo

caz, o centroavante Alexandre, do Porto Alegre, e o zagueiro-central Geovani, do Estrela do Norte (ES).

A principal esperança é poder revelar grandes talentos, como os goleiros Paulo Sérgio, hoje no América, e Zé Carlos, uma das estrelas do Flamengo. Os dois já vestiram a camisa da Seleção Brasileira.

Mesmo assim, as grandes equipes ficam com as barbas de molho quando vão atrás

dos dois pontos em Campos. Como seu aliado, o Americano conta com o vento. Isso mesmo: ele costuma soprar com violência no final da tarde e pode surpreender os desavisados, principalmente no segundo tempo das partidas. Daí a preocupação de muitos adversários na hora de escolher o campo. Vencer o cara-ou-coroa pode, no mínimo, neutralizar uma das principais armadilhas do dono da casa.

BANGU

Bangu Atlético Clube

Fundado em 17 de abril de 1904

Técnico: Mário Jorge Lobo Zagalo (56 anos)

Time-base: Gilmar (31), Márcio Nunes (24), Márcio Rossini (27), Toninho Carlos (27) e Racinha (21); Robson (21), Arturzinho (31) e Sidnei (29); Glison (20), Nando (21) e Macula (19)

Estádio: Guilherme da Silveira (Moça Bonita)

Capacidade: 15 000 pessoas



Para quem viu o Bangu ser finalista e terceiro classificado no Campeonato Carioca de 1987, a imagem de Moça Bonita no início deste ano era desoladora. Depois de perder três estrelas — Mauro Galvão, Paulinho Criciúma e Marinho —, o clube afundava em pessimismo. Para muitos, os bons tempos tinham definitivamente acabado.

Tanta amargura, porém, teve fim em menos de quin-

ze dias. A manhã de 15 de janeiro encontrou os banguenses eufóricos, apostando em conquista de título. Tudo por causa de um único personagem: Zagalo, anunciado como o novo treinador da equipe.

A estrela do ex-técnico da Seleção Brasileira logo brilhou. Ninguém se queixou quando ele implantou treinos em tempo integral, uma rotina esquecida há muito em Moça Bonita. "Precisamos estar prontos para dar tudo este ano", explica Admildo Chirrol, preparador físico e amigo inseparável de Zagalo.

"Nosso principal objetivo é colocar o Bangu na Primeira Divisão do futebol brasileiro", desconversa Zagalo. Pode ser. Mas a palavra-chave é outra: título.

Nesse sentido, o clube aposta numa velha receita. Mistura jogadores experientes — Gilmar, Márcio Rossini, Arturzinho — com os campeões estaduais de juniores em 1987. Para melhorar, algumas contratações, como a do zagueiro Toninho Carlos, vindo do Santos por um empréstimo de três meses. Ou o meio-▷

TAÇA GUANABARA

De esperança Botafogo ao Fla todo do otimismo

campista Sídnei, ex-Cabo-friense, e os ex-mesquiten-ses Gilson (ponta-direita) e Joel (zagueiro). "E não duvidem dessa estratégia", alerta Zagalo. "Usei esse esquema em 1967, no Botafogo." Para quem já se esqueceu, o Bota foi bicampeão em 1967 e 1968.

BOTAFOGO

Botafogo de Futebol e Regatas
Fundado em 12 de agosto de 1904

Técnico: José Carlos Bernardo, o Zé Carlos (42 anos)
Time-base: Alvez (28), Josimar (26), Vagner (33), Wilson Gotardo (24) e Renato (25); Mauro Galvão (26), Paulinho Criciúma (26) e Vitor (29); Marinho (30), Cláudio Adão (32) e Eder (30)
Estádio: Mané Garrincha
Capacidade: 18 000 pessoas



Nos últimos anos, a sofrida torcida do Botafogo acostumou-se a acompanhar a escalção do time com certa desconfiança. Havia uma infinidade de nomes desconhecidos entre uma ou outra estrela que brilhava solitária.

Essa rotina afastava de Marechal Hermes, ano após ano, o tão sonhado título carioca. Até chegar o inesquecível dia 7 de janeiro de 1988. O Botafogo, que já havia tirado Cláudio Adão do Cruzeiro, anunciava a contratação de Marinho, Paulinho Criciúma e Mauro Gal-



Botafogo: Cláudio Adão, Criciúma, Marinho e Mauro Galvão, as novas luzes no fim da fila

vão, todos do Bangu. "Destá vez o clube agiu certo", aplaude o cabeça-de-área Mauro Galvão. "Armou um elenco forte para conseguir resultados imediatos."

Para ver a primeira amostra desta nova equipe, terça-feira da semana passada, perto de duzentos alvinegros venceram os 30 km que separam o centro do Rio de Janeiro do campo do Atlântico Sul, onde o Botafogo vem treinando. É verdade que muitos voltaram decepcionados. Para quem quer o título carioca, perder para o time angolano do Petro-Atlético

não é um bom começo. Ainda mais por 4 x 2.

Más notícias também chegavam da Europa. Num torneio de showbol realizado em Paris, Berg sofreu uma torção no tornozelo esquerdo e pode ficar de fora durante toda a Taça Guanabara.

Acostumado a tantas agruras, o botafoguense não perde a fé diante de tais dificuldades. "Estamos apenas no início da temporada", lembra o técnico Zé Carlos. "É um time que tem tudo para dar certo", emenda Cláudio Adão, plagiando o lema do falecido Plano Cruzado. "Será mara-

vilhoso ganhar um título para esta galera", sonha acordado Marinho.

Paulinho Criciúma, ao contrário, não quer saber de comemorações antecipadas. "Depois de muito tempo, teremos um campeonato equilibrado", adverte. O zagueiro Vagner faz coro: "No papel, temos um grande time. Vamos ver agora no campo".

Se os planos alvinegros se realizarem, finalmente o ano de 1968 não será mais lembrado como a marca do último título botafoguense. A partir de 1988, será tão-somente o penúltimo.

CABOFRIENSE

Associação Atlética Cabofriense
Fundado em 15 de novembro de 1955

Técnico: Djalmir Alves Cavalcante (49 anos)

Time-base: Demilson (24), Ailton (22), Ricardo Balbino (26), Beto (23) e Heraldo (22); Nilson (24), Mastrilo (23) e Cacalho (20); Ivo (24), Toninho (23) e Márcio (22)

Estádio: Nenzinho Carrico (Cabo Frio)

Capacidade: 12 000 pessoas



MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Cabofriense: sofrendo com as brigas do prefeito Alair

A Cabofriense chegou a pensar em nomes famosos para vestir sua camisa em 1988: Nunes, do Flamengo, Assis, do Fluminense, Arturzinho, do Bangu... Além de não ter trazido ninguém, acabou vendendo ao Botafogo, por apenas 900 000 cruzados, um de seus prin-

cipais jogadores, o atacante Sídney.

Tudo isso graças às brigas internas entre o presidente Almir Carvalho e o prefeito de Cabo Frio, Alair Correa — que é também presidente do conselho deliberativo do clube. Alair quer investir no futebol, mas Almir não acei-

ta o grupo de empresários que apóia o ex-presidente da Cabofriense. Assim, o quinto colocado em rendas de 1987 vai mal. Simplesmente não existe ainda como um time de futebol. É um clube dividido e em compasso de espera. À espera de um milagre.

FLAMENGO

Clube de Regatas Flamengo
Fundado em 15 de novembro de 1895

Técnico: Luis Carlos da Silva Nunes, o Carlinhos (50 anos)

Time-base: Zé Carlos (25), Jorginho (25), Leandro (28), Edinho (32) e Leonardo (18); Andrade (30), Ailton (22) e Zico (34); Renato (25), Bebe-to (23) e Zinho (20)

Estádio: Gávea

Capacidade: 15 000 pessoas



O Flamengo foi o único dos grandes clubes cariocas que não contratou ninguém e, portanto, tem poucas chances de se sagrar campeão em 1988.

O torcedor rubro-negro não deve acreditar no que acaba de ler. O fato de não apresentar caras novas no time — o que a princípio parece uma enorme desvantagem —, no caso do Flamengo, revela-se uma largada na frente. "Vamos começar arrebatando porque temos um conjunto entrosado desde a Copa União", esfrega as mãos o endiabrado ponta Renato. "Que time está tão bem armado como o nosso?", desafia o maestro Andrade.

É verdade. Enquanto os outros grandes se debatiam neste início de ano para ambientarem os novos contratados, o Flamengo do técnico Carlinhos já trabalhava num estágio mais avançado, polindo as jogadas que ensaiara no ano passado. "É só aperfeiçoar o que vínhamos fazendo bem", resume o treinador. Reforços? "Preciso apenas de um reserva para o Leonardo e de outro para o Zinho", esnoba Carlinhos. "O que a diretoria me der está bom."

Engana-se, porém, quem estiver imaginando que rei-▷



ANTONIO CARLOS MAFALDA

Flamengo: o entusiasmo do garoto Zico...



NELSON GOLLINO

...e as diabruras de Renato num time pronto

TAÇA GUANABARA

Do estrelado
Flu ao obscuro
Friburguense

na um clima de excessivo otimismo pelas bandas da Gávea. "Precisamos ter cuidado com o Botafogo", avisa Andrade. "Eles formaram um time forte e irão correr atrás do título a qualquer preço." Além da força dos adversários, o Flamengo — atual vice-campeão carioca — terá contra si alguns problemas que a torcida até se acostumou a viver. Leandro, com artrose no joelho direito, e Zico, recuperando-se da terceira cirurgia no joelho esquerdo, terão encontros diários com os aparelhos de musculação. Os dois não poderão participar normalmente dos treinamentos com o restante do elenco.

Isso não diminui o entusiasmo do mais famoso camisa 10 da história da Gávea. Zico confia em que, no final do Campeonato Carioca, vestirá sua oitava faixa de campeão estadual. "Não podemos perder pontos para times pequenos", ensina com o respaldo de quem irá disputar seu 14.º torneio estadual. "Assim iremos para os clássicos com mais tranquilidade."

Esse entusiasmo de menino do fantástico Zico supera todo receio por seu joelho enfraquecido. Não se pode medir a importância do Galinho para o equilíbrio em campo dos demais dez jogadores. Assim, embora sem reforços, o time do Flamengo para o Campeonato Carioca anda na ponta da língua dos torcedores. Como nos bons tempos em que voltou de Tóquio campeão do mundo.



Fluminense: os ex-corintianos Jorginho e Cacau para botar mais uma estrelinha na camisa

FLUMINENSE

Fluminense Football Club
Fundado em 21 de julho de 1902
Técnico: Sebastião Pereira Araújo (51 anos)
Time-base: Paulo Vitor (30), Donizete (20), Alexandre Torres (21), Ricardo (23) e Eduardo (22); Jandir (27), Leomir (26) e Romerito (27); Jorginho (28), Washington (28) e Telo (26)
Estádio: Laranjeiras
Capacidade: 10 000 pessoas



Em 1985, o Fluminense colocou três estrelinhas douradas sobre o escudo de sua camisa. De lá para cá, ficou a ver navios. Deu até a impressão de que, ao botar a mão num histórico tricampeonato — seu primeiro na era Maracanã —, o tricolor julgou-se o dono da bola.

Este ano a coisa promete ser diferente. Torcedores ilustres deixaram suas di-

vergências de lado e se deram as mãos. Resultado: na vice-presidência de futebol está ninguém menos do que o milionário Luís Antônio de Almeida Braga. Como num passe de mágica, luvas atrasadas foram colocadas em dia e, ao contrário de antes das férias, ninguém mais fala em sair. Com exceção do lateral Aldo e do zagueiro Vica, em fase de negociação com outros clubes, os demais jogadores têm uma idéia fixa: o título.

Jandir parou de namorar Botafogo e Vasco, e até o irrequieto paraquaido Romerito refez seus planos. A dívida do clube com ele já passa dos 20 milhões de cruzados — mas será paga parceladamente, o que lhe deu novo ânimo. Animado também está o principal reforço do time para 1988: o ex-corintiano Jorginho.

Disposto a descongelar a imagem de pé-frio — jamais foi campeão em sua carreira —, Jorginho terá uma difícil missão: substituir o ídolo Assis, que recebeu passe livre em dezembro, conforme

constava em seu último contrato. Junto com Jorginho, outro corintiano chega às Laranjeiras: o ponta-direita Cacau. Os dois foram contratados por 17 milhões, mais o passe do ponta-esquerda Paulinho. Além deles, o Flu comprou o ponta-direita Régis, do Sobradinho, de Brasília, e o lateral Edinho, ex-Taubaté.

Há alguns problemas a resolver. O contrato de Washington vence no fim de fevereiro. A renovação pode ser complicada, pois o centroavante jura que existem clubes do exterior interessados em levá-lo. As renovações de contrato — o de Romerito acaba em abril — e as possibilidades de vendas de jogadores no meio da temporada preocupam o técnico Sebastião Araújo. "Teremos um ano difícil", prevê. "Precisaremos de união, esforço e abnegação."

A receita do treinador é esta. Quem sabe será o caminho para o tricolor pregar mais estrelinhas douradas no uniforme, sobre seu tradicional escudo.



FERNANDO PIMENTEL

Goytacaz: fê em boa campanha com a arma de um campo pequeno, duro e com a torcida lungando em cima do inimigo

FRIBURGUENSE

Friburguense Atlético Clube
Fundado em 14 de março de 1921

Técnico: Fernando Pires (36 anos)

Time-base: Ohedo (22), Jomar (23), Jorge Gomes (23), Chamberlain (28) e Lulinha (27); Róbson (20), Pires (24) e Heleno (26); Edson (22), Chiquinho (20) e Neblina (20)

Estádio: Eduardo Guinle (Nova Friburgo)

Capacidade: 15 000 pessoas



Vice-campeão da Segunda Divisão no ano passado, o Friburguense volta ao Campeonato Carioca, que disputou pela última vez em 1984, terminando com a lanterna na mão. Está com um time praticamente desconhecido — a maioria de seus jogadores é de ex-juniors do próprio clube.

Contratações? Algumas. Do São Bento, de Sorocaba, vieram o quarto-zagueiro Mi-

randa, o meio-campo Carlos Magno, o centroavante Carlos Turra e o zagueiro Evandro. Do Pinheiros, foram buscar o ponta-de-lança André Rigoni e o meia-esquerda Magu. Do Vasco, veio o lateral-esquerdo Aleixo.

O reforço que foi buscar na Portuguesa de Desportos, porém, mostra bem que os objetivos do Friburguense para esta temporada são um tanto obscuros: ele é centroavante e se chama Neblina.

Friburguense: ex-juniors e reforços como Neblina



FERNANDO PIMENTEL

GOYTACAZ

Goytacaz Futebol Clube
Fundado em 20 de agosto de 1912

Técnico: Antônio Leone (55 anos)

Time-base: Jorge Luís (29), Zé Paulo (28), Paulo César (22), Amaral (22) e Emílio (20); Haroldo (21), Guti (20) e Edvaldo (25); Del (23), João Cláudio (24) e Gino (24)

Estádio: Ary de Oliveira e Souza (Campos)

Capacidade: 28 000 pessoas



As novidades do Goytacaz para 1988: o apoiador Guti, o centroavante João Cláudio, o ponta-esquerda Gino — os três emprestados pelo Bangu — e o zagueiro-central Paulo César, ex-Cabofriense. A grande arma do time, porém, não é novidade para ninguém. Ela se chama Ary de Oliveira e Souza — o nome de seu estádio.

Ali, a equipe não perdeu para nenhum time do Rio no >

TAÇA GUANABARA

Do Vascão de Dirceu ao Voltaço de João Danado

ano passado. O Fluminense, aliás, levou 4 x 0 naquele campo apertado, com torcida em cima, duro e irregular. É por isso que o técnico Antônio Leone tem fé numa boa campanha este ano.

PORTO ALEGRE

Porto Alegre Futebol Clube
Fundado em 16 de agosto de 1915

Técnico: Luís Ribeiro Pinheiro Neto, o Lula (41 anos)
Time-base: Paulo Goulart (32), Ebinho (25), João Carlos (27), Fred (29) e Toninho (26); Júlio César (29), Nino (25) e Luisinho (30); Cacaio (20), Renato (31) e Cosme (24)

Estádio: Jair Bittencourt (Itaperuna)
Capacidade: 15 000 pessoas



A única grande glória do Porto Alegre no campeonato passado foi uma vitória de 2 x 0 sobre o Flamengo em seu estádio, em Itaperuna, a 352 km do Rio. A equipe terminou em nono lugar sua primeira temporada na Primeira Divisão. "Queremos agora ficar entre os seis primeiros", proclama o técnico Lula, ex-pon-ta-esquerda do Inter.

Para isso foram investidos 15 milhões de cruzados em onze reforços, como o goleiro Paulo Goulart, que já jogou no Fluminense, e o centroavante Luisinho das Árábias. "Vamos dar muita dor de cabeça", promete o bicheiro Norton Nacif, um dos patriarcas do time.



FERNANDO PIMENTEL

Volta Redonda: depois de amargar dois anos na Segunda Divisão, muito otimismo no elenco...

VASCO

Clube de Regatas Vasco da Gama
Fundado em 21 de agosto de 1898

Técnico: Sebastião Barros Lazaroni (38 anos)

Time-base: Acácio (29), Paulo Roberto (26), Donato (25), Fernando (26) e Mazinho (21); Zé do Carmo (26), Geovani (23) e Dirceu (35); Mauricinho (24), Roberto Dinamite (33) e Romário (22)

Estádio: São Januário
Capacidade: 40 000 pessoas



NELSON GOELLY

Vasco: preocupação com os sem-contrato, como Romário

Manter a hegemonia carioca não será uma tarefa simples. Por isso a diretoria do Vasco resolveu jogar duro. No último dia 16, colocou todo o elenco num ônibus e rumou para quinze dias de retiro na aprazível Parafba do Sul, pequena cidade a 120 km do Rio de Janeiro.

Concentrados no hotel Termas Salutaris, os jogadores estão sendo submetidos a intensas cargas de treinos. O preparador físico Luís Flávio, por exemplo, vem utilizando até bolas de borracha para aprimorar o toque e melhorar o controle — método já utilizado por Bebeto de Oliveira no São Paulo e



FERNANDO PIMENTEL

...reforçado pelo artilheiro Nunes — o raçudo João Danado

na Seleção Brasileira há algum tempo.

A paz de Paraíba do Sul, com descontração e repouso absolutos, está servindo para o entrosamento dos novos reforços. Um deles é o volante Zé do Carmo, principal estrela do Santa Cruz na última Copa União. Ele chega para preencher a lacuna deixada por Dunga. Cocada, irmão do são-paulino Müller, veio para disputar a lateral-direita com Paulo Roberto, que quase foi trocado por Jandir, do Fluminense. O veterano Dirceu também se integrou. "O Vasco é praticamente o mesmo time que conquistou o título no ano passado", lembra o técnico Sebastião Lazaroni. "Agora só espero que todos renovem o contrato."

A preocupação de Lazaroni tem justificativa. Até o fim da semana passada, Mazinho, Donato, Romário e Roberto Dinamite ainda negociavam a renovação de seus contratos. Os dois últimos são justamente as principais armas vascas. Nos últimos três anos, eles vêm-se revezando na artilharia do Campeonato Carioca. Roberto marcou mais gols em 1985, mas acabou superado nos dois anos seguintes. Quem será o goleador desta vez? A torcida não tem preferência. Desde, é claro, que o título fique de novo em São Januário.

VOLTA REDONDA

Volta Redonda Futebol Clube
Fundado em 9 de fevereiro de 1976

Técnico: Moacir Menezes (63 anos)

Time-base: Luís Carlos (28), Roberto Silva (25), Edson Moita (26), Figueira (25) e Valinho (21), Ademir (25), Russo (22) e Mazolinha (28), Isaias (23), Nunes (33) e Marinho (23)

Estádio: Sílvio Paulino de Oliveira (Volta Redonda)

Capacidade: 30 000 pessoas



Afastado do Campeonato Carioca desde 1985, quando foi o penúltimo colocado, o Volta Redonda retorna com altos planos. "Vamos brigar pelo título", entusiasma-se o presidente Antônio Francisco Neto, deputado federal pelo PL. Exagero à parte, é bom que os papões prestem atenção neste time, campeão da Segunda Divisão em 1987. O grande nome é Nunes, ele mesmo, contratado ao Flamengo graças à ajuda de comerciantes da região. Vieram ainda o goleiro Luís Carlos, o meio-campo Ademir e o apoiador Mazolinha, todos emprestados pelo Botafogo. O Voltaço não está brincando.

O SHOW PELA TELEVISÃO

A bola não começou a rolar, mas duas grandes equipes já disputavam o Campeonato Carioca desde a semana passada: Globo e Manchete. Ambas continuavam travando a briga pelo direito da transmissão exclusiva dos jogos ao vivo.

Isso mesmo. No Rio de Janeiro, o futebol volta à TV. Esta é a principal novidade para a Copa Rio — o nome com que o Campeonato Carioca foi batizado para comercialização. Mas quem esperava ver na telinha a estréia do novo Botafogo, neste sábado, contra o Volta Redonda, em São Januário, pode se frustrar. Os jogos realizados na cidade do Rio de Janeiro não serão mostrados ao vivo.

Já a torcida do Fluminense pode se preparar. A partida de abertura de seu time, contra o Goytacaz, em Campos, terá transmissão direta, mas só para a capital. Será sempre assim: a televisão exibirá todos os sábados à tarde um jogo entre um clube grande e um time do interior, desde que a partida seja disputada fora do Rio de Janeiro.

Todo o Brasil poderá ver alguns clássicos, escolhidos entre aqueles programados para o sábado: eles passarão para a sexta-feira ou para a segunda-feira, sempre à noite. O primeiro clássico da TV, neste esquema, será Bangu x Botafogo ou América x Fluminense, dia 27 ou 29 de fevereiro.

O contrato de transmissão, somado aos dos patrocinadores, dará aos doze clubes um total de 70 milhões de cruzados,

segundo o idealizador do projeto, João Henrique Areias, diretor de marketing do Flamengo e do Clube dos 13. O patrocinador oficial — talvez apenas a Coca-Cola — terá direito a veiculação de anúncios no vídeo, publicidade nas camisas (com exceção de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, já com patrocinadores) e prioridade em promoções dentro e fora dos estádios, além de seis placas de propaganda nos campos particulares.

O projeto pretende, em resumo, tornar o espetáculo o mais atraente possível. Estuda-se a possibilidade de a Coedete (empresa que explora os estacionamento públicos) e a Polícia Militar programarem novos e mais seguros estacionamento na área ao redor do Maracanã, com uma vigilância maior sobre os carros. Concursos como a melhor música entre torcidas ou a mais disciplinada entre elas estão igualmente em cogitação, no sentido de aumentar o poder de atração do futebol.

Em campo, não faltarão emoções: o primeiro turno — a 24.ª Taça Guanabara — apontará um finalista. O segundo turno — Taça Rio de Janeiro — definirá mais um. O terceiro turno, juntando os quatro clubes que tiverem somado o maior número de pontos, indicará outro finalista. Se um time vencer os três turnos, será campeão direto. Se um ganhar dois turnos, entra na final com um ponto de vantagem sobre o adversário.

Torne-se sócio da ACM

Faça parte deste convívio

Aproveite

ESTA OPORTUNIDADE



Venha conviver com o bem-estar, com a maneira certa de viver. A ACM põe à sua disposição muitas opções de lazer e esporte em quase todas as modalidades e um vasto programa de condicionamento físico, todos dotados de instrutores e professores.

Num convívio sadio e próspero você tem, em nove filiais na capital,

"Uma visão mais humana do homem"



piscinas aquecidas, saunas, quadras poliesportivas e salas de jogos.

A ACM desenvolve também um bem-sucedido programa abrangente na área social.

Você terá também Colônia de Férias em vários pontos do país e serdes no mundo todo. Pense na sua família. E então? Faça parte deste convívio!

CENTRO - 256-1011
GUARULHOS - 208-9666
ITAQUERA - 205-6025
LAPA - 260-3544
NORTE - 857-2653
OSASCO - 702-0911
PINHEIROS - 210-5908
SANTO AMARO - 523-6164
ALPHAVILLE - 421-1697



Amor em Gre-Nal



Assis, do Grêmio: namorada do Inter

A revelação do Grêmio, Assis, 17 anos, começou a namorar Carla, três anos mais velha e torcedora do Internacional. "Se ele se tornar mesmo um astro, vai ser o Gre-Nal mais exótico da história", prevê o pai dela, Carlos Duran, que vem a ser o supervisor colorado. (D.F.)

Palavra de bicheiro

O Grêmio estava interessadíssimo em Mauro Galvão, bem antes de o Bangu fazer negócio com o Botafogo. Só que o patrono da equipe de Moça Bonita, Castor de Andrade, lembrou-se da promessa que fez quando foi buscar o jogador no Inter: nunca iria vendê-lo ao rival Grêmio. Não houve dinheiro que convencesse Castor a mudar de idéia. Como acontece no jogo do bicho, valeu a palavra. (A.O.)

Copa de 1998

Ainda está bem longe, mas três países já aparecem como candidatos para sediar a Copa do Mundo de 1998, que será na Europa: União Soviética, França e Suíça.

Fisioterapia em dois

Sexta-feira passada, dois grandes nomes do esporte amador brasileiro se encontraram no avançado departamento de fisioterapia do São Paulo, no Morumbi. Paula, da BCN-Unimep e da Seleção Brasileira de basquete, começava o tratamento do joelho direito, operado de lesões de meniscos e ligamentos. O fundista José João da Silva, atleta do próprio clube, iniciou também no mesmo dia o tratamento de uma lesão muscular na coxa esquerda. (A.B.)



Paula: sessões de fisioterapia no Morumbi

Maradona no cinema

O craque Diego Maradona acaba de ser convidado para estrelar um filme. Como exigências, ele pediu que o enredo girasse em torno do futebol e que Pelé fizesse parte do elenco. Se for atendido, a fita começará a ser rodada dentro de cinco meses.

Chuteira mais macia

O centroavante brasileiro Mirandinha, do Newcastle, já está totalmente adaptado à vida na Inglaterra. Só que ele ainda enfrenta uma dificuldade: não consegue acostumar-se com as duras chuteiras utilizadas pelos ingleses. Por isso, telefonou para o roupeiro do Palmeiras, José Carlos Modesto. Pediu um par de chuteiras mais macias. "Com elas, aí é que ninguém vai me segurar", disse Mirandinha a Modesto. (M.S.V.)

Começar de novo

Virou rotina nos últimos três anos. O América de Cálil consegue chegar na final da Libertadores, mas perde o jogo decisivo. Agora vai começar tudo de novo. Ao derrotar o Atlético Nacional, a equipe garantiu mais uma vez sua presença no torneio como representante colombiano, ao lado do Millonarios, de Bogotá.

Morgado é internado

Os primeiros sintomas ressurgiram em agosto passado. Reprovado na prova escrita da Cobraf, o juiz paulista Roberto Nunes Morgado deixou de apitar jogos da Copa União. Seu comportamento passou a revelar sinais de distúrbios psicológicos. Como em 1986, Morgado acabou internado numa clínica de repouso, em Santos. (U.B.)

Assis no Volta



Assis, ex-Flu: estudando o convite

Depois de contratar o centroavante Nunes por seis meses, o Volta Redonda sonha em ter agora o meia Assis para o Campeonato Carioca. O palmeirense Dele, que é da cidade e foi seu companheiro no Fluminense, está atuando como intermediário para convencê-lo a aceitar a proposta. (C.O.)

Presente de Emil

Mais uma de Mauro Galvão. Chamado às pressas para acertar com o Botafogo, ele embarcou no primeiro voo para o Rio. Depois, mandou buscar seu carro Miura em Porto Alegre, onde estava passando férias. Quando foi ver, a conta de 10 000 cruzados já havia sido paga pelo bicheiro Emil Pinheiro. (A.O.)

JUNIORES

RECORTE E CONFIRA

Guarde as fichinhas dos 32 titulares e reservas que disputaram a final da Taça São Paulo para ver quantos vão virar craques

NACIONAL



FOTOS NELSON CORREIA

MARCELO

Marcelo Augusto Gil, goleiro, 20 anos (10/5/1967). Natural de Marília (SP), tem 1,81 m e 76 kg. É o capitão do time por sua liderança entre o grupo. Sai bem do gol



VALDO

Valdenilson Sampaio Mathias, zagueiro-central, 20 anos (8/3/1967). É de Rincão (SP), tem 1,90 m e 82 kg. A altura privilegiada lhe garante vantagem nas bolas altas sobre a área



PEDRINHO

Pedro Raymundo, lateral-esquerdo, 18 anos (27/6/1969). Paulista de Poloni, tem 1,80 m e 62 kg. Lateral moderno, apóia com decisão e volta com rapidez para ajudar a defesa



COCADA

Roberto Ferreira da Silva, meia-esquerda, 20 anos (26/5/1967). Pernambucano de Altino, tem 1,70 m e 65 kg. Forma com Mil uma eficiente dupla no meio-campo. Lança com muita habilidade



ZÉ ÍNDIO

Rubens Barbosa de Sousa, lateral-direito, 20 anos (5/7/1967). Nasceu em Almenara (MG), tem 1,65 m e 63 kg. Ótimo marcador, também apóia muito bem. Começou no Palmeiras



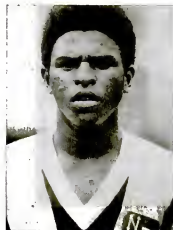
VICENTE

Vicente Indiveri, quarto-zagueiro, 20 anos (4/12/1967). Nasceu em São Paulo, tem 1,90 m e 75 kg. Sabe sair jogando mas, quando necessário, dá chutões para a lateral. Eficiente



SIMÃO

Simão Reinaldo Vicente, volante, 19 anos (23/10/1968). Nasceu em Barretos (SP), tem 1,76 m e 62 kg. É um volante à moda antiga. Ataca pouco, preferindo ficar plantado à frente dos zagueiros



MIL

Waldemir Aparecido Miguel, ponta-de-lança, 19 anos (19/4/1968). Paulista de Baurui, tem 1,70 m e 63 kg. Veloz e técnico, é o craque do time e um dos artilheiros da Taça São Paulo

Vamos propor uma brincadeira muito divertida. É uma espécie de mensagem para o futuro que você mesmo pode abrir daqui a uns quatro anos. Recorte estas quatro páginas e as deixe guardadas numa gaveta até, digamos, 1992. Quando abri-las, haverá sem dúvida belas surpresas — talvez você descubra um ídolo de seu time entre as fichinhas dos 32 jogadores titulares e reservas do Nacional e do América de



Rio Preto, que disputaram a final da 19.ª Taça São Paulo de Futebol Júnior. Ou talvez encontre um craque da Seleção Brasileira.

Também pode ser que, ao rever tantas caras quase desconhecidas e ainda imberbes, você não faça a mínima idéia de que fim levaram. Paciência, pois o futebol e a vida são assim mesmo. Como na Bíblia, há muitos chamados e poucos escolhidos.

A verdade, porém, é que▷



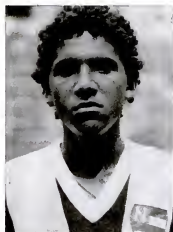
CUCA

Flávio Monteiro Santos, ponta-direita, 17 anos (12/9/1970). Paulistano, tem 1,73 m e 66 kg. Sabe chegar à linha de fundo, mas joga melhor caindo pelo meio



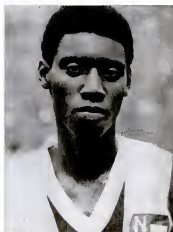
MONTEIRO

José Monteiro Fernandes Neto, ponta-esquerda, 20 anos (1/4/1967). É de São Paulo, tem 1,71 m e 63 kg. Permanece a maior parte do tempo em seu setor, cruzando bolas sobre a área inimiga



ALEXANDRE

Alexandre Moura, quarto-zagueiro, 17 anos (6/4/1970). É de São Paulo, tem 1,90 m e 75 kg. Luizinho, do Atlético Mineiro, é seu grande ídolo. Por isso, prefere tomar a bola na base da categoria, sem trancos



REINALDO

Reinaldo Pereira Batista, lateral-esquerdo, 21 anos (1/1/1967). Paulistano, tem 1,79 m e 67 kg. Marca por pressão, não dando espaços aos ponteiros adversários



MARCO AURÉLIO

Marco Aurélio Jorge, centroavante, 20 anos (5/8/1967). De Marília (SP), tem 1,79 m e 63 kg. Atua enfiado entre os zagueiros adversários. Também volta para ajudar a defesa



GONÇALVES

Rinaldo da Silva Gonçalves, goleiro, 18 anos (8/3/1969). Nascido em Campo Grande (MS), tem 1,75 m e 64 kg. Apesar de reserva, é tido como a grande promessa do clube para o futuro



DANIEL

Daniel da Silva Emílio, volante, 20 anos (4/11/1967). Nasceu em São Paulo, tem 1,72 m e 70 kg. De estilo trombador, nunca perde a viagem. Prática o jogo solidário, sem jamais reter a bola.



CELSO

Antônio Celso Martins, ponta-esquerda, 19 anos (23/5/1968). É de Tambaú (SP), tem 1,69 m e 63 kg. Possui ótimo preparo físico e velocidade; foi a arma secreta do Nacional



JUNIORES

Duas ótimas apostas: os meninos Mil e Flôrêncio

a safra de garotos que desfilou durante três semanas nos gramados paulistanos tende a reunir diversas atrações da próxima década. Na segunda-feira, 25, dia do aniversário

de São Paulo, os candidatos à carreira do Nacional, um clube da capital que disputa com os profissionais o Campeonato da Segunda Divisão do Estado, e do América, tradicional time de Rio Preto, deveriam decidir o título. O resultado, evidentemente, era importante para eles, mas uma outra coisa estava em jogo: o amanhã. Jovens como o habilidoso meia Mil, do Nacional, um dos artilheiros da

competição, ou o técnico meia-esquerda Márcio Flôrêncio, do América, têm o desafio, daqui para a frente, de mostrar que podem chegar longe.

É justo apostar em ambos pelo que exibiram neste início de verão. Comandado por Mil, o Nacional — em que nos anos 50 jogou o atual treinador palmeirense Rubens Minelli — fez uma bela campanha. Na primeira fase, derrotando Flamengo,

Indiano e São Bento, despontou como um dos favoritos. Em seguida, empatou com o Bahia, derrotou o Novorizontino e chegou à semifinal, vencendo o Matsubara nos pênaltis.

O América de Márcio Flôrêncio não começou tão bem. Logo na primeira rodada, perdeu para o Matsubara por 2 x 1. Mas recuperou-se eliminando Palmeiras e Botafogo da luta pela segunda vaga do grupo. Na fa-

AMÉRICA-SP



FOTOS NELSON CORREIA

MARCELO

Marcelo Fiorante Anselmo, goleiro, 18 anos (30/5/1969). É de São José do Rio Preto (SP), tem 1,83 m e 79 kg. Seu forte é a colocação, mas também sabe repor a bola com rapidez e precisão



AMARAL

Lúcio Claudir Pereira, zagueiro-central, 19 anos (18/11/1968). Nasceu em Olímpia (SP), tem 1,84 m e 76 kg. Lembra o ex-zagueiro do Guarani e Corinthians, como mostra o apelido



JÚLIO CÉSAR

Júlio César Scheibler, lateral-esquerdo, 20 anos (3/10/1967). Gaúcho de Venâncio Aires, tem 1,81 m e 74 kg. Apóia melhor do que defende. Compensa essa deficiência com muita raça



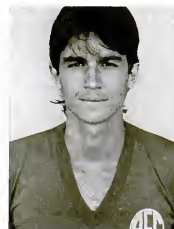
MÁRCIO FLÔRÊNCIO

Márcio Flôrêncio Fabretti Moraes, meia-esquerda, 20 anos (24/7/1967). É de Penápolis (SP), tem 1,74 m e 67 kg. A estrela do time. Sabe driblar em estreitas faixas do campo



XANDE

Alexandre Fusco Marques, lateral-direito, 21 anos (9/1/1967). Natural de São José do Rio Preto (SP), tem 1,70 m e 68 kg. Costuma fazer o ponta inimigo sumir do jogo



MANÉ

Manoel Fernando Hércules Alvarez, quarto-zagueiro, 21 anos (2/1/1967). É de Catanduva (SP), tem 1,85 m e 78 kg. Zagueiro clássico, dificilmente costuma perder uma dividida



ABEL

Abel Antônio de Oliveira, volante, 20 anos (16/5/1967). Nasceu em Ilha Solteira (SP), tem 1,77 m e 69 kg. É o organizador dos contra-ataques, fazendo a ligação da defesa com a linha de frente



VALDEIR

Valdeir Aparecido Rodrigues de Azevedo, ponta-de-lança, 18 anos (26/2/1969). Paulista de São José do Rio Preto, tem 1,73 m e 64 kg. Quando o time ataca, cai para os dois lados

se seguinte, classificou-se com sorte. Depois de um tríplice empate sem gols dentro do grupo, do qual também participavam Portuguesa e São Paulo, veio o sorteio — e, graças à bolinha, o América foi à decisão.

Independente do que acontecesse na segunda-feira, grande parte desses 32 meninos — os que jogaram e os que ficaram no banco — terá em breve outras chances de exibir seu potencial. O



Nacional pretende utilizar os que mais se destacarem na equipe que tentará mais uma vez subir à Primeira Divisão. No América, que já disputa o campeonato principal de São Paulo, seu eterno presidente Benedito Teixeira, o Birigüi, incentiva um aproveitamento semelhante.

Quem brilhar nos próximos anos certamente será vendido e passará ao estrelato. Então, que tal: vamos recortar, guardar e conferir? □



GIL CATANOCE

Gilberto Luis Catanoco, ponta-direita, 20 anos (8/12/1967). Nasceu em Ondas Verdes (SP), tem 1,74 m e 68 kg. Ousado, parte para cima dos laterais com dribles insinuantes



JOÃOZINHO

João Pereira dos Santos, ponta-esquerda, 19 anos (7/5/1968). Paulista de Estrela d'Oeste, tem 1,68 m e 60 kg. De seu pé saem os melhores cruzamentos para o ataque. Rápido e driblador



CLAUDINHO

Cláudio de Oliveira Júnior, zagueiro-central, 19 anos (8/10/1968). É de São José do Rio Preto (SP), tem 1,78 m e 68 kg. De estilo mais viril, não desgruda dos atacantes. Na sobra, sobe para ajudar o ataque



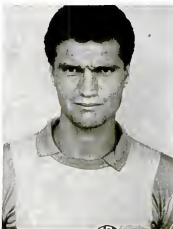
NEGÃO

Carlos José de Oliveira, ponta-de-lança, 18 anos (8/7/1969). Paulista de General Salgado, tem 1,67 m e 62 kg. Incansável, está em todas as partes do gramado



MAURINHO

Mauro Augusto Lourenço, centroavante, 20 anos (18/9/1967). É de São José do Rio Preto (SP), tem 1,74 m e 70 kg. Cabeceia mal, mas arranca com perigo a partir das laterais. Desloca-se bem



MOACIR

Moacir de Paula Neola Júnior, goleiro, 19 anos (9/1/1969). Natural de Catanduva (SP), tem 1,84 m e 78 kg. Como o titular Marcelo, sabe colocar-se muito bem debaixo do gol



JOI

Jo Anderson Cláudio Rodrigues, lateral-esquerdo, 19 anos (4/7/1968). Mais um de São José do Rio Preto (SP), tem 1,74 m e 67 kg. Não costuma apoiar o ataque. Na defesa, porém, marca com eficiência



MAURICINHO

Maurício Aparecido Pessoa, ponta-direita, 20 anos (1/3/1967). É de Olímpia (SP), tem 1,74 m e 68 kg. Embora abuse dos dribles, consegue preparar ótimas jogadas de linha de fundo

PERFIL

DARÍO PEREYRA

DESTINO DE VENCEDOR

O guerreiro uruguaio consolida, em dez anos de São Paulo, uma carreira na qual as vitórias deixam de ser contingências do jogo: contam a história de uma vida

Por ARI BORGES





Alfonso Dario Pereyra
Bueno, 31 anos: um
ídolo até entre os
companheiros de clube

No Juvenil, bebia 4 litros de leite por dia

Dário Pereyra tinha 12 anos, sardas e o orgulho de ser o melhor aluno de matemática do colégio Lomas Antoni, de Sauce, quando experimentou pela primeira vez a sensação de ser campeão. Aquela distante título metropolitano de garoto, pelo pequeno Oriental, de Montevideu, mudaria sua vida para sempre. Foi ali que o Uruguai começou a perder um economista. O futebol, porém, seria enriquecido pela fascinante trajetória de um jogador cuja essência resume-se em uma palavra: vencedor.

LIÇÕES DE DEDICAÇÃO — A torcida do São Paulo, brindada com dez anos de Dário Pereyra, que o diga. Além de títulos — foram dois Campeonatos Brasileiros (1977 e 1986) e quatro Paulistas (1980, 1981, 1985 e 1987) —, Dário tem oferecido uma



Garra com qualquer camisa

das maiores lições de dedicação e profissionalismo que o Morumbi já conheceu. "Quando ele fala nas reuniões do grupo, todo o mundo fica quietinho", testemunha Zé Teodoro. "A gente sabe que sempre vai aprender alguma coisa." É mais que experiência, julga o lateral. "Ele é um exemplo de atleta e de homem, uma espécie de modelo que todos gostariam de ser."

Muito dessa quase idolatria se deve à singular personalidade do uruguaio. Para

começar, sua biografia nada tem a ver com a média do jogador brasileiro. O pai, "Don" Alfonso, um *peñalista* doente, tinha um bom emprego no Frigorífico Nacional. Dário, portanto, não viveu uma infância de necessidades e miséria. Embora nascido no Mercado Modelo, o bairro de Montevideu que abriga o Estádio Centenario, antes de completar 1 ano já estava em Sauce, a 30 km da capital. Com Mirian, sua única irmã, cresceu entre parreiras, plantações, animais e, sobretudo, muito espaço. Corria o tempo todo. "Desde que me conheço por gente", descobriu Dário, "levo uma vida de atleta."

Das correrias no sítio do pai pulou, na idade escolar, para o atletismo. Fez de tudo. Começou no salto em altura, passou para as corridas de 100, 200 e 400 m, e acabou destacando-se no arremesso de peso. Até hoje guarda uma medalha de bronze da modalidade, ganha aos 13 anos. Já tinha, contudo, traçado seu destino com a bola. Por isso, os empregos de tratorista e montador de vassouras, exercidos

no período das férias, iam sendo encarados mais como divertimento remunerado. "A ambição não era apenas ser jogador", decidiu Dário, "mas um grande jogador."

Com essa ideia na cabeça, deixava Sauce bem cedo, esalfando-se nos treinamentos do Oriental. Voltava de Montevideu tão extenuado que a cabeça estava invariavelmente doendo: dormia nos ônibus, veteranos Leyland ingleses da década de 40. "Chacoalhavam tanto que eu ficava cheio de galos", recorda sem saudade. "Sentia as pancadas, mas não acordava."

Longo veio a recompensa do esforço. O título do Metropolitano valeu ao Oriental a participação na Cruzada Rioplatense, um torneio contra equipes argentinas. "Já-mais esqueci a viagem até Buenos Aires", conta com olhos adolescentes. "Fomos de navio. Eu me lembro das luzes de Montevideu diminuindo, depois piscando até sumir." A experiência marcou-o de tal maneira que, em dezembro passado, refez o passeio com a mulher Elenita. "Foi uma emoção igual", compara. "A única diferença é que, agora, fui de primeira classe."



Pela Celeste, contra o Brasil, no Maracanã: tititi com Rivelino e um quebra-pau inesquecível

GARFO RESPEITÁVEL — Aos poucos, o Oriental ficava pequeno demais para Dário e, aos 15 anos, ele era o médio-volante do juvenil do Nacional. Sagrou-se campeão nas três categorias amadoras que disputou. Aos 17, convocado para a Seleção Uruguia Juvenil, ganhou o Sul-Americano de 1974, invicto. No ano seguinte, assinava seu primeiro contrato profissional. "Tudo sempre aconteceu muito rápido comigo", percebe Dário. "É isso me estimulava cada vez mais."

Por estímulo entenda-se abnegação e trabalho. "Eu sabia que minha grande virtude era meu físico", recorda. "Assim, me matava nos treinos e procurava me apri-



Um craque adorado por são-paulinos de qualquer idade: o carinho é retribuído com títulos

morar tecnicamente." Renunciou ao gosto pelos bailes, aos namoros, às bebidas e a tudo que pudesse prejudicar seu corpo. A vida espartana transformou-o num garfo respeitável. Ainda hoje é assim. Come muito, e bem. Fala com orgulho de um título obtido aos 16 anos: campeão de tomar leite entre os juvenis do Nacional. "Eram 4 litros por dia, marca invejável para qualquer bezerro", diverte-se.

Foi em 1976, quando já era amado pela *hincha*, que Darío vestiu pela primeira vez a camisa da Celeste, convocado para a Copa

América. Em um ano e meio disputou 32 partidas, incluindo as fracassadas eliminatórias para a Copa de 1978, na Argentina. Entre as lembranças daquele tempo, está o jogo contra o Brasil, pela Copa do Atlântico, no Maracanã. Mais que a derrota (2 x 1), ele não esquece a briga originada na hilariante perseguição que o lateral Ramírez fez a Rivelino. "Só que ele teve a grande idéia de correr para o lado do banco brasileiro", lamenta. "O resto do time foi atrás e levamos o maior pau da história. Até os fotógrafos batiam na gente com as câmaras."

Mesmo com muitos hematomas, Darío e seus companheiros foram recebidos como heróis na volta. "Em meu país, é melhor apanhar do que fugir", alfineta.

DEZ PROCURADORES — A Seleção Uruguaia certamente teria mais generosas demonstrações de garra se, em 1977, o São Paulo não fosse buscar Darío para substituir seu caudilho Pedro Rocha. (Ele só voltou à Celeste em 1985, nas Eliminatórias da Copa do México.) Cinco meses depois, para variar, o guerreiro vestia a faixa de campeão brasileiro. Desde então, primeiro no meio-campo, depois na quarta-zaga, ele deixa o tricolor parecendo inacabado e despersonalizado quando não está em campo.

Nem mesmo uma fase negra vivida em 1978, quando não chegou a fazer trinta jogos, perseguido por uma série de contusões misteriosas, arranhou sua importância para o clube. Intellectualmente bem preparado, Darío Pereyra tem noção de seu valor e briga sem tréguas pelo que acha justo e honesto. "Prefiro falar com dez procuradores do que com o Darío", confessa o presidente Carlos Miguel Aidar.

Essa capacidade de argu-▷



FOTOS DE SERGIO BERZOVSKY

Na concentração: descobrindo prazer na leitura

A FICHA DO ÍDOLO

Nome:	Alfonso Darío Pereyra
Bueno	
Data de Nascimento:	19/10/1956
Local:	Montevideo (Uruguai)
Peso:	79 kg
Altura:	1,80 m
Clube e ídolo de infância:	
País:	Pedro Rocha
Perfume:	Open
Pasta de dente:	Kolynos
Sabonete:	Lux
Xampu:	Davene
Roupa:	Esporte fino
Comida:	Paela
Bebida:	Leite
Sobremesa:	Pavê
Restaurante:	L'Amagae
(São Paulo)	
Carro:	Escort XR3
Hobby:	Leitura
Filme:	Johnny Vai à Guerra
Teatro:	Morte Acidental de um Anarquista
Livro:	Bíblia
Gênero musical:	Romântico
Cantor:	Julio Iglesias
Canção:	Diana Ross
Programa de TV:	Jornal Nacional
Aitor:	Antônio Fagundes
Atriz:	Fernanda Montenegro
Comediante:	Jô Soares
Modelo mais bonita:	Luiza Brunet
Animal de estimação:	Todos os animais são para se estimar
Programa esportivo:	Globo
Esporte	
Melhor narrador:	Osmar Santos
Melhor comentarista:	Orlando Duarte
Jogo inesquecível:	Guarani 3 x São Paulo 3, Campinas, final da Taça de Ouro de 1986
Gol inesquecível:	Contra o Fluminense, Copa União de 1987, no Morumbi, de cabeça
Melhor juiz:	Dulcideo Wanderley
Boschella	
Plor Juiz:	Vários
Melhor técnico:	Vários
Melhor gramado:	No Brasil, Serra Dourada; no exterior, Parc des Princes (Paris)
Melhor amigo no futebol:	"São tantos que não caberiam aqui"
Melhor investimento:	Imóveis
Se não fosse jogador, o que seria:	Economista
Endereço para correspondência:	São Paulo Futebol Clube
	Pça. Roberto G. Pedrosa, 5m/5, Morumbi, CEP 06693, São Paulo, SP





SERGIO BENZOVSKY

Montando com elegância um puro-sangue árabe: o amor aos cavalos vem desde a infância em Sauce, no interior do Uruguai

DÁRIO PEREYRA

"A bola consome os melhores anos de um homem"

mentação, aliada a seu exuberante talento, tornou Dário um homem financeiramente independente. "Mas eu sou exceção", diz, consciente. "Se você revirar toda a história do futebol brasileiro, não vai encontrar nem cem jogadores em condições de levar uma vida de classe média alta."

É sintonizado com o mundo desde a adolescência, quando acompanhou, horroizado, a ditadura militar que se instalou por doze anos no Uruguai. "As pessoas eram perseguidas não por ser contra, mas apenas por pensar diferente."



NELSON CORLEVO

No tricolor: um exemplo de dedicação e profissionalismo

Dário Pereyra gostaria de ver sua profissão mais respeitada. "Afinal, ela consome os anos mais produtivos do homem", argumenta. "E a maioria não consegue se preparar para o que vem depois."

CAVALOS E LIVROS — Um risco que ele, prestes a completar 32 anos e ganhar passe livre, não corre. Sem pressa, Dário não adianta seus planos. "Só sei que ainda vou jogar um bom tempo", desconversa. Enquanto isso, vai curtindo seus prazeres, como andar a cavalo e ler — "A gente cresce com um bom livro" —, coisas que pôde fazer na pré-temporada que o São Paulo realizou em Campos do Jordão. Foi lá, por sinal, que ele exercitou pela última vez seu destino. Sem fazer força, foi o campeão de um torneio de tênis entre o elenco. Para não perder o pique. □

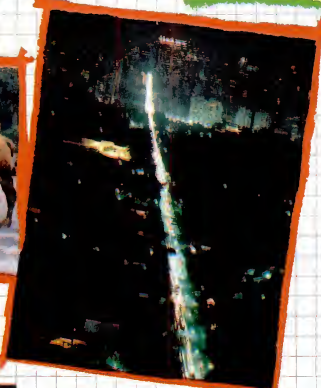
QUATRO RODAS TESTA O VERÃO



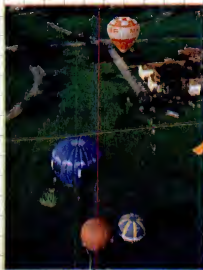
Teste XR3 conversível:
o único de linha.



Tudo para você curtir
São Paulo: compras e passeios.



Balonismo: no ar uma
nova emoção de verão.



Aventura: Taubaté-Ubatuba
e Cunha-Paraty. E as
praias escondidas.

Os testes QUATRO RODAS você já conhece: são os mais rigorosos e confiáveis que você pode ter. E este controle de qualidade está presente em todas as matérias da revista. Como na edição de janeiro, onde o verão é o ponto alto.

QUATRO RODAS percorreu de bug duas estradas incríveis: Taubaté-Ubatuba e Cunha-Paraty. Saiba como realizar esta aventura e conheça as praias mais escondidas do Rio-Santos. Nesta edição você vai conhecer ainda tudo sobre balonismo, como e onde praticar. E mais: QUATRO RODAS traz dicas e cuidados importantes para você proteger seu carro na praia. Em VIAGEM & TURISMO, um especial São Paulo se abre para você, com roteiro de compras, passeios charmosos e maravilhosas atrações, para curtir a metrópole.

E já que o tema é verão, QUATRO RODAS traz tudo sobre conversíveis e testa o Escort XR3, nosso único conversível de linha.

Conheça também o Monza SL/E 88 e a pesquisa comparativa entre os pequenos: Uno, Chevette e Gol.

QUATRO RODAS VERÃO. JÁ NAS BANCAS



VEJAM QUEM VOLTOU

**É ele mesmo — Evaristo de Macedo.
Em seu retorno à Fonte Nova, só quer
esquecer o fracasso na Seleção**

Há quase três anos, o técnico Evaristo de Macedo era um nome maldito para quase 130 milhões de torcedores. Numa curta e desastrosa passagem pela Seleção Brasileira, jogando apenas com adversários sul-americanos, conseguiu perder metade das partidas que disputou. Ao cair, ninguém sentiu — talvez nem mesmo ele. “Estou mais preocupado em saber como gastar meus 5 milhões de dólares”, ironizou ao deixar o cargo, o país e o noticiário.

Agora ele está de volta ao Brasil, novamente como técnico do Bahia, desafiando a impopularidade da imagem que deixou. No Oriente Médio, é certo, seu prestígio manteve-se inabalado.

Quando saiu da Seleção, Evaristo partiu para um exílio dourado de dois anos no Catar — um pequeno país dos Emirados Árabes Unidos, rico em reservas de gás e petróleo. Como treinador daquela Seleção, somou mais alguns milhões de

dólares a seu invejável patrimônio.

O retorno a Salvador aconteceu quase por acaso. Embora estivesse novamente no Brasil desde maio de 1987, pouca gente sabia. “Você não está querendo um técnico?”, perguntou José Carlos Vilella, assessor jurídico do Clube dos 13, ao presidente do Bahia, Paulo Maracajá. A conversa aconteceu nos últimos dias do ano passado, no Rio de Janeiro, durante o seminário em que se discutiram os resultados da Copa União.

“O melhor do Brasil está

aqui presente, e sem emprego: Evaristo de Macedo”, completou Vilella. A partir daí, em meia hora Maracajá e o treinador acertaram as bases do contrato: 300 000 cruzados por mês, a serem corrigidos em junho com base na OTN.

COMEÇANDO DO ZERO — “Recebi vários convites assim que retornei do Catar”, diz Evaristo. “Mas não quis pegar nenhum bonde andando. Esperei encerrar a temporada, para começar tudo do zero este ano.”

Quem ficou feliz foi a torcida do bicampeão baiano, que não esqueceu sua primeira passagem pelo clube. Foi em 1973. Pegando a base da equipe que havia perdido o campeonato anterior para o arqui-rival Vitória, ele lançou cinco jogadores e, em menos de quatro meses, devolveu o título estadual ao Bahia. Melhor que isso: abriu caminho para uma longa hegemonia trico-

lor. Foram sete campeonatos consecutivos, interrompidos apenas em 1980, pelo mesmo Vitória.

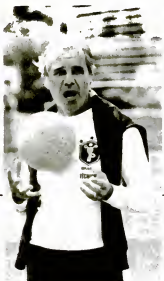
“Aquela equipe era boa”, relembra Evaristo. “Encontrei uma base: Buttice no gol, Roberto Rebouças na zaga, Baiaco no meio-campo e um ataque com Natal, Douglas e Picolet. Com mais alguns reforços, foi fácil.”

A VEZ DOS JUNIORES — Desta vez, ele ainda não pediu nenhuma contratação à diretoria. Por enquanto, não sabe que jogadores permanecerão. “Não faz sentido eu chegar e li dizendo que quero fulano ou beltrano”, observa. “Craque, quem tem não vende. Quando se dispõe a vender, só os italianos podem comprar.”

Com o mercado inflacionado, a política do Bahia é aproveitar alguns ex-juniões, como vem fazendo desde o ano passado. Entre os candidatos estão os zagueiros João Marcelo e Maurício — este, um eficiente cobrador canhoto de faltas —, o lateral-esquerdo Emerson, os meias Chamusca e Dico, além do atacante Charles. A experiência de Zanata e Leandro mais as fulminantes arrancadas de Bobô serão igualmente indispensáveis.

Evaristo parece tranquilo diante desse quadro. Sabe, porém, que sofrerá pressões — a fanática torcida não se contenta mais com o simples título regional. Quer bem mais. “Quem aparecer na Fonte Nova tem de levar pau do Bahia”, exige Lourinho, chefe da torcida organizada. “Pode ser qualquer um: Flamengo, Internacional, São Paulo...”

Se depender do retrospecto de Evaristo no Nordeste, os torcedores podem ter esperanças. Dirigindo o Santa Cruz, sagrou-se campeão pernambucano em 1971, 1978 e 1979. No próprio Bahia, foi vice-campeão do



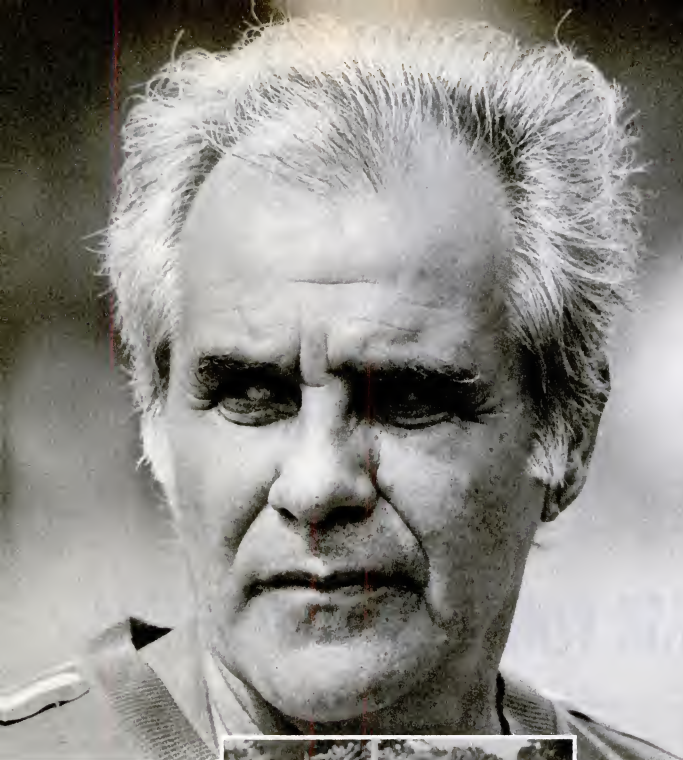
Na Seleção: desastre

RODOLPHO MACIEL

AS DERROTAS INESQUECÍVEIS

Evaristo de Macedo teve uma das mais curtas e inesquecíveis campanhas de um técnico à frente da Seleção Brasileira. Foram seis jogos — todos contra equipes sul-americanas —, com três vitórias, três derrotas, sete gols a favor, seis contra.

A CAMPANHA	
Brasil 2 x Colômbia 1 (c)	
Brasil 0 x Peru 1 (c)	
Brasil 2 x Uruguai 0 (c)	
Brasil 2 x Argentina 1 (c)	
Brasil 0 x Colômbia 1 (f)	
Brasil 1 x Chile 2 (f)	



FOTOS CARLOS CASTELA

Torneio do Povo, em 1973, deixando para trás Flamengo, Internacional, Atlético Mineiro e Corinthians. Na época, nem a derrota para o Coritiba — o campeão — diminuiu a euforia baiana.

Há uma lembrança, entretanto, que aborrece tanto ele como os torcedores de boa memória: a Seleção Brasileira. "O máximo que um técnico pode conseguir hoje com a Seleção é dor de cabeça", dispara. Apesar disso, orgulha-se por ter lança-



Evaristo: "Recebi vários convites quando retornei do Catar. Esperei o fim do ano, o Bahia chegou e eu topei"

do na equipe alguns jogadores que depois fizeram sucesso em outras convocações. "Fui eu quem primeiro chamou Júlio César, Branco e Alemão", alega-se. "Muitos disseram que eles não tinham futebol para estar entre os melhores."

Se Seleção é coisa do passado, o Bahia é o presente. Futuro? Ele prefere não prometer nada: "Quem vive de promessa é santo. E santo, nessa terra, já tem demais".

Nelson Rios



Lino, César Pereyra, Zetti, Russo e Edu: a espinha dorsal do alviverde para o Campeonato Paulista de 1988

FOTOGRAFIA: NELSON COELHO

PALMEIRAS

UMA FONTE DE ESPERANÇA

O time de Minelli passa dez dias numa estância hidromineral, buscando forças para sair da fila de onze anos sem títulos

Águas de Lindóia é uma pacata estação de águas paulista, distante 168 km da cidade de São Paulo. Costuma receber a visita de pessoas idosas, em busca de novas energias, e de recém-casados à cata de bons fluidos em suas águas miraculosas, para começarem bem uma vida nova.

À procura dessa mesma combinação, o técnico Rubens Minelli rumou para lá com todo o elenco e a comissão técnica do Palmei-

ras, assim que terminaram as férias do grupo. A eles se juntaram também os mais recentes reforços da equipe: o quarto-zagueiro Murilo, de 19 anos, ex-Marília, e a dupla de uruguaios César Pereyra, de 25, e Russo, de 27, respectivamente lateral-direito e central.

"Decidimos fazer essa pré-temporada no final do ano passado", conta Minelli. "Os jogadores terminaram 1987 com apenas 40%

do condicionamento físico normal. O clima de montanha é ideal para que se recuperem." Pensando como o treinador, o preparador físico Gilberto Tim — seu inseparável companheiro de trabalho — concordou imediatamente com ele quanto ao lugar escolhido: o hotel Vancance, onde já haviam estado dois anos antes com o Corinthians. Ele foi considerado ideal para a maratona de treinamentos que haviam programado. "Ve-

nho sempre aqui", alerta o técnico palmeirense. "A topografia da região é perfeita", diz, apontando para as montanhas que cercam os 200 000 m² do hotel.

Durante dez dias, o Palmeiras ocupou quinze dos 210 quartos do Vancance. Gastou 1,3 milhão de cruzados e alterou completamente a rotina do lugar.

Embora tenham permanecido longe de suas famílias, todos reagiram bem ao esquema montado. "Não >



Os jogadores ensaiam uma partida de vôlei na quadra do hotel: melhor continuar usando os pés



César Pereyra: raça uruguaia



Edu: bebendo da água "milagrosa"



Russo: esbanjando bom humor

PALMEIRAS

Duas semanas que valeram por dois meses

fazíamos isso desde 1984", recorda o goleiro Martorelli, que na ocasião deu duro na estância de Águas de São Pedro.

"Pude me integrar melhor com os companheiros", explica Murilo, entusiasmado com o novo clube. Minelli, claro, é o primeiro a defender a idéia: "Duas semanas nesse lugar equivalem a dois meses de trabalho na capital". Para obter resultados concretos, entretanto, a comissão técnica não poupou ninguém.

OLHO NO RELÓGIO — Os 23 jogadores foram submetidos a um rígido controle de horário. Eram acordados às 8 horas e, logo depois do café, começavam uma estafante bateria de 6 horas de treinamentos, dividida em dois períodos. Folga geral depois disso? Não exatamente. Às 22h30 o grupo tinha de estar de volta aos quartos, para reiniciar tudo outra vez na manhã seguinte. "Aqui se respira o pro-



Minelli e o fã: apostando na recuperação da equipe

fissionalismo", constatou o goleiro Zetti, consciente de que em São Paulo seria difícil manter semelhante disciplina.

Convocado por Minelli para integrar a Seleção Paulista que disputa o claudestino Campeonato Brasileiro de Seleções, nem por isso o goleiro sente resolução a disputa pela camisa 1 do Verdão. "É um duelo sadio que se trava entre o Martorelli, o Ivan e eu", sustenta Zetti. "Recebi propostas para deixar o clube", revela o reserva Martorelli. "Mas vou ficar para ganhar a posição."

Ivan, o terceiro na ordem de preferência do treinador, não se rende: "Não estou morto. Tenho talento

para ser o titular". Tanta animação fez do treinamento específico dos goleiros um capítulo à parte na movimentada pré-temporada alviverde, na qual não faltaram vãos espetaculares e defesas arrojadas.

Apesar do ritmo intenso, o regime imposto aos jogadores esteve longe de se aproximar do vigente em um quartel. Terminado o almoço, sempre havia um intervalo de aproximadamente 3 horas para o merecido lazer dos "soldados" de Rubens Minelli.

O meia-esquerda Edu, por exemplo, foi o único a preferir não desfrutar das mordomias do hotel — piscinas, salões de jogos e televisores —, optando por conhecer

melhor a simpática Águas de Lindóia. Não dispensou uma visita ao balneário municipal, onde há duas torneiras de que jorra uma água tida como medicinal. "Ela é diurética e ajuda a desmanchar pedras nos rins", garantiu-lhe um turista. Sem conter a curiosidade, o craque tratou de encher rapidamente um copo. "Essa água parece mesmo mais leve", constatou.

Mais agitados, seus companheiros acharam melhor imitar Bernard, William & Cia., arriscando saques e cortadas na quadra do hotel. O resultado foi uma patética partida de vôlei, que arrancou gargalhadas da platéia. "Ainda bem que eles resolveram jogar futebol para ganhar o pão", zombou o preparador de goleiros Valdir Joaquim de Moraes.

ESQUECERAM A CAMISA — Ainda sobrou tempo para os atletas espantarem o calor de 35 graus dentro da piscina. Menos o volante Célio, que não arriscou um mergulho sequer. "É que eu não sei nadar", desculpa-se. Com tanta energia gasta, nada mais natural que o elenco chegasse faminto à mesa de refeições. Os mais gordinhos, como o zagueiro Márcio e Marto-



FOTO: NELSON GOMES

É hora de descontração: os atletas fazem farra com a bola dentro da piscina, em Águas de Lindóia

relli, esbarravam na vigilância do médico Náercio dos Santos. "Eles precisam de uma dieta mais balanceada" justifica o doutor.

"Hoje ganhei meu di-

nheiro honestamente", brincou o zagueiro Toninho, depois de um dos puxados treinos. "Não sei como o Tim ainda não pediu para correremos na monta-

nhas", sorria o cabeludo Russo. A descontração do ambiente, uma marca desses dez dias na estação de águas, sem dúvida ajudou o trabalho da dupla Tim e

Minelli. "A união influi no rendimento", acredita o preparador físico.

Fora dos planos só estavam mesmo as ofensas que foram obrigados a escutar de alguns torcedores da Seleção de Serra Negra, derrotada pelo Palmeiras por 2 x 1 num de seus jogos-treino. Eles ficaram inconformados ao verem o time do Parque Antártica entrar em campo sem sua camisa oficial.

Alheios a isso, os jogadores acreditam que o período passado em Águas de Lindóia foi o ponto de partida para, finalmente, eles colorirem o Campeonato Paulista de verde, colocando fim a uma longa espera de onze anos.

Mário Sérgio Venditti

OS OUTROS TAMBÉM SE PREPARAM

Não foi somente o Palmeiras que descobriu as vantagens de retirar-se para um período de treinos, antes das competições oficiais.

Dirigentes de outros clubes se convenceram de que vale a pena gastar uma boa soma de cruzados, para garantir uma preparação mais eficiente e total tranquilidade a seus jogadores.

O calendário dos campeonatos regionais deste ano permitiu que se desfrutasse do intervalo entre a reapresentação dos elencos e o início dos torneos.

Os clubes paulistas saíram em maior número. O Corinthians, por exemplo, foi buscar um pouco de paz na mineira Poços de Caldas. A Portuguesa se-

guiu para Cotia, nos arredores da capital. O São Paulo preferiu Campos do Jordão.

De Belo Horizonte, o Atlético partiu para Caxambu. No Rio de Janeiro, Vasco e Fluminense optaram por Paraiíba do Sul e Mendes, respectivamente, e o América apostou no sossego de São Lourenço (MG).

MINHA PRIMEIRA VEZ

Zico marca um gol de falta, Renato é expulso, Waldir Peres defende um pênalti e outras onze divertidas historinhas

No futebol, como na vida, a primeira vez é algo muito marcante. E quase sempre inesquecível. O primeiro gol, a primeira vitória ou o primeiro título podem ser o momento de consagração de um jogador, a afirmação de um craque ou o surgimento de uma esperança.

Um exemplo disso aconteceu com Pelé no dia 7 de setembro de 1956. Pouco importa se seu primeiro gol foi marcado contra o modesto Corinthians de Santo André. Para ele, ficou a certeza de que poderia reinar na carreira de jogador. Alguém duvida de que ele conseguiu?

Assim também é a emoção da primeira faixa de campeão ou do primeiro pênalti defendido — dizem que tem o mesmo sabor do primeiro beijo. Pode, é verdade, acontecer justamente o inverso. Um momento de reflexão para superar os problemas, depois do primeiro

frango ou do primeiro título perdido. Não há como escapar da primeira vez.

Quatorze curiosos casos foram coletados pelos repórteres Ari Borges, Átila Santos, Bruno Bittencourt, Milton Costa Carvalho e Ubiratan Brasil. É o que você vai ler agora.

MEU PRIMEIRO GOL



AGÊNCIA O GLOBO

ROBERTO

"Lembro-me bem de meu primeiro gol como profissional. Foi no dia 25 de novembro de 1971, no Maracanã, contra o Internacional. Entrei no intervalo, no lugar do Gilson Nunes. Aos 27 minutos, recebi a bola e avancei. Quando cheguei perto da área, chutei forte, sem defesa para o goleiro Gainete. Era o segundo gol de nossa vitória por 2 x 0. Depois passei a ser titular e recebi o apelido de Garoto Dinamite."

MEU PRIMEIRO JOGO

TELÊ

"Minha estréia como treinador aconteceu no juvenil do Fluminense em 1967. Fiquei me lembrando o tempo todo do Zézé Moreira. Tentava imitar sua postura. Foi a forma que encontrei para vencer o nervosismo. Mesmo

hoje, lembro-me muito de meu mestre. Naquele dia, senti que ser comandado e comandar são coisas bem distintas. Não me recordo qual era nosso primeiro adversário. Só sei que fomos campeões invictos. Comecei bem minha nova carreira."

MINHA PRIMEIRA FUÇA

ARNALDO CÉSAR COELHO

"Estava começando a apitar futebol de praia em 1961. Tinha então 18 anos. Era o jogo Maravilha x Copacabana. Não conhecia direito as regras e procurava copiar aquilo que via no Maracanã. Notei que o

ambiente começava a piorar para mim. Na hora do apito final, fiquei na linha lateral que dá para o mar. Saí de fininho e entrei na água, de relógio e tudo. Nadei uns 2 km e permaneci escondido entre as ondas até escurecer."

MINHA PRIMEIRA EMOÇÃO



SILVIO VEGAS

BEBETO

"Ninguém acreditava que pudéssemos vencer o Vasco na final do Campeonato Carioca de 1986. Afinal, o Flamengo era formado basicamente por jo-

vens como eu. Mas dava gosto ver nossa união. No dia do jogo, ficamos repetindo: 'Vamos ganhar'. Marquei o primeiro gol de nossa vitória de 2 x 0. A emoção foi total."

MINHA PRIMEIRA BÍBLIA



ABRIL

JOÃO LEITE

"A CBF proibiu que eu usasse a inscrição 'Cristo Salva' na camisa. Um pastor sugeriu que eu entregasse Bíblias. A primeira foi no

jogo Flamengo 5 x Atlético 1, em 1979, em benefício das vítimas das enchentes do Sul. Pelé até jogou pelo Flamengo. Antes da partida, dei a Bíblia para o Cantarele."

MEU PRIMEIRO CLUBE



SÉRGIO SADE

DIRCEU

"Ah, como esquecer o Coritiba? Foi meu primeiro time. Comecei aos 14 anos nas categorias inferiores. Quatro anos depois, em 1970, virei profissional. Fiquei mais dois anos no Paraná. Fui até convocado para a Seleção Olímpica de 1972. Nem imaginava que iria rodar por tantos clubes."

MINHA PRIMEIRA EXPULSÃO

RENATO

"Foi no Gre-Nal decisivo do Campeonato Gaúcho de 1982. Perdemos por 2 x 0 e o Inter sagrou-se bicampeão. Eu estava começando no time profissional do Grêmio. Quando o Geraldão marcou o primeiro gol, aos 26 minutos do primeiro tempo, parti para cima do juiz Carlos Sérgio Rosa Martins e reclamei de uma falta no Vantuir, nosso zagueiro. Recebi meu primeiro cartão vermelho — justo, por sinal."



ABRIL

É A PRIMEIRA VEZ QUE VEJO TANTA BESTEIRA JUNTA



MINHA PRIMEIRA VIAGEM

CLÁUDIO ADÃO

"O Santos foi fazer um amistoso em Goiânia e seus dois centroavantes — Toninho Guerreiro e Alcindo — estavam sem condições de jogo. O técnico Pepe mandou me chamar. Estávamos em 1971 e eu tinha 15 anos.

Ao desembarcar, encontrei todos os jogadores no aeroporto. Um deles mandou que eu fosse até um guichê pagar tudo o que havia comido no avião. Acreditei e fui. Fiquei com cara de babaca. Pelo menos, no jogo, marquei o gol da vitória."

MEU PRIMEIRO FRANGO

GILMAR

"Não dá para esquecer o primeiro frango. O meu foi em 1975. Era júnior do Internacional e estávamos jogando contra o Brasil, em Pelotas. O adversário chutou de longe, pelo alto. Era uma bola fácil. Resolvi defendê-la sem saltar. Só que não deu: ela passou por cima de meu corpo, pingou e entrou. Um vexame! Ainda bem que depois viramos o jogo."



MEU PRIMEIRO GOL DE FALTA

ZICO

"Até hoje guardo a fita com a narração do lance, feito pelo falecido Jorge Cury. Era um amistoso contra o Corinthians, em 1974. Perdíamos por 1 x 0. Aos 44 minutos do primeiro tempo, bati uma falta do bico esquerdo da área, com a parte interna do pé direito. A bola passou por cima da barreira e o goleiro Armando nem viu. Demos de 5 x 1."

MINHA PRIMEIRA VITÓRIA

VICENTE MATHEUS

"Apesar de ser sócio do Corinthians desde 1930, concorri e venci minha primeira eleição só em 1959. Disputei contra o Alfredo Trindade, no poder há quase dez anos. O início da

apuração não apontava um favorito. Nos últimos votos é que assegurei minha vitória. Lamentei ter o Wadih Helu na mesma chapa — depois ele se tornou meu maior adversário."

MEU PRIMEIRO AZAR



CARLOS

"O primeiro título que perdi foi o do Campeonato Paulista de 1977. A Ponte Preta era, disparada, a melhor equipe da competição. Mas nossos jogadores entraram em

campo com o pensamento de que já haviam feito o bastante. Em campo, faltava persistência. Como a gana do Corinthians foi maior, tivemos de nos contentar com o vice-campeonato."

MEU PRIMEIRO PÊNALTI



WALDIR PERES

"Em 1967, entrei no juvenil do Garça, time da Segunda Divisão Paulista. Estava com 16 anos. Uma semana depois, jogamos contra um clube da região. O juiz marcou

um pênalti contra nós. Falei para o cobrador: 'Acho que hoje não é seu dia'. Deu certo. Ele bateu fraco, no canto em que pulei. No mesmo dia fui promovido para os profissionais."

MEU PRIMEIRO AMOR

MÜLLER

"O nome de minha primeira namorada? Não lembro. Sei que eu tinha 14 anos e nos conhecemos na igreja. Éramos extremamente tímidos. Por isso, o namoro foi uma coisa pu-

ra. Pegar na mão era o máximo. Um dia, durante um passeio, demos o primeiro beijo. Um beijinho inocente, mas que me deixou todo emocionado. Naquele tempo, eu nem sabia beijar direito."

PAULINHO

CORINTHIANS



FIGURINHAS DE 1988

TAÇA GUANABARA 1988



América

30/1 — SÁBADO
Americano X Friburguense
Botafogo X Volta Redonda

31/1 — DOMINGO

América X Porto Alegre
Bangu X Cabofriense
Goytacaz X Fluminense
Vasco X Flamengo



Americano

7/2 — DOMINGO
Friburguense X Fluminense
América X Americano
Porto Alegre X Botafogo
Volta Redonda X Vasco
Cabofriense X Flamengo
Bangu X Goytacaz

20/2 — SÁBADO
Goytacaz X Porto Alegre

21/2 — DOMINGO

Bangu X Flamengo *
Fluminense X Botafogo *
Friburguense X Volta Redonda
Cabofriense X América
Americano X Vasco

24/2 — QUARTA

Fluminense X Porto Alegre
América X Friburguense



Fluminense

Flamengo X Friburguense
Fluminense X Bangu

3/3 — QUINTA

Goytacaz X América

6/3 — DOMINGO

América X Vasco *
Botafogo X Flamengo *
Friburguense X Bangu
Fluminense X Cabofriense
Porto Alegre X Americano
Goytacaz X Volta Redonda

12/3 — SÁBADO

Americano X Cabofriense

13/3 — DOMINGO

Botafogo X América *
Fluminense X Vasco *
Friburguense X Porto Alegre
Bangu X Volta Redonda

17/3 — QUINTA

Goytacaz X Flamengo

20/3 — DOMINGO

Botafogo X Goytacaz
Fluminense X Americano
Porto Alegre X Flamengo
Volta Redonda X América



Friburguense



Goytacaz



Bangu



Botafoogo



Porto Alegre



Vasco



Flamengo



Volta Redonda

Vasco X Banqu

У

Flamenco

X Bangu

vasco

1

police

1. **Police**

✶

2019

11

23/3 — QUARTA

Botafoogo	X	Friburguense
Porto Alegre	X	Bangu
Volta Redonda	X	Fluminense
Goytacaz	X	Americano
Vasco	X	Cabofriense
Flamengo	X	América

27/3 — DOMINGO

Bangu	X	América *
Vasco	X	Botafogo *
Flamengo	X	Fluminense *
Friburguense	X	Goytacaz
Porto Alegre	X	Cabofriense
Volta Redonda	X	Americano

2/3 — QUARTA

Vasco	X	Porto Alegre
Americano	X	Botafogo
Volta Redonda	X	Cabofriense

[illegible]

* Serão realizados no domingo os jogos entre as equipes que, até a rodada anterior, somarem o maior número de pontos. A quinta partida será no sábado.

Se dois clubes terminarem empatados em primeiro lugar, haverá um jogo-desempate no dia 6 de abril, quarta-feira, no Maracanã.

PLACAR

PLACAR

JORGINHO

FLUMINENSE



FIGURINHAS DE 1988

**Use o telefone
para acabar com suas dúvidas
sobre o câncer.**

Tem gente que morre de medo só de ouvir a palavra câncer. O problema é que fugir do assunto não elimina o risco de contrair a doença. Portanto, a atitude mais inteligente e sensata é manter-se bem informado sobre o câncer. Para identificar seus sinais a tempo. E derrotá-lo. A Rede Feminina de Combate ao

Câncer quer deixar você bem orientado sobre a doença. Discando o Telecan, 270-1233, você ouve respostas para 60 dúvidas sobre o câncer. Você pode ligar de casa, do escritório ou mesmo do orelhão. Se estiver fora da cidade de São Paulo, disque, antes do número, o prefixo 011. Esse serviço

funciona de 2.ª a 6.ª feira, das 8 h às 18 h, e não funciona nos feriados. **Importante:** as informações prestadas por esse telefone levaram muita gente a procurar um médico a tempo. Portanto, use e abuse do Telecan.

**CÂNCER É CURÁVEL.
TIRE SUAS DÚVIDAS PELO
TELEFONE 270-1233.**



FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE
HOSPITAL DO CÂNCER

Como usar o Telecan

Disque 270-1233. Uma voluntária irá atender à chamada. Consulte a relação de temas do Telecan abaixo e diga a ela o número da informação que deseja obter. Imediatamente, você ouvirá sua resposta.

- | | | | |
|---|--|--|---|
| 01 - O que é câncer? | 17 - Descoberta precoce do câncer no intestino. | 32 - Doença de Hodgkin. | 46 - Câncer do pênis e doenças venéreas. |
| 02 - Os Palavras do capêlo de um hospital. | 18 - Câncer no intestino e no ânus. | 33 - Câncer dos ossos e na coluna vertebral. | 47 - Quimioterapia. |
| 03 - Câncer no adulto. | 19 - O que é câncer do pulmão? | 34 - Câncer da pele. | 48 - Métodos não aprovados para o tratamento do câncer. |
| 04 - Câncer no cérebro. | 20 - Sintomas e tratamento do câncer no pulmão. | 35 - Melanoma maligno (verrugas, pintas etc.). | 49 - Perguntas que o povo faz sobre o câncer - I. |
| 05 - Câncer da boca. | 21 - Os efeitos do fumo em não-fumantes e os direitos que estes têm. | 36 - Linfomas e melanomas múltiplos. | 50 - Perguntas que o povo faz sobre o câncer - II. |
| 06 - Câncer da garganta. | 22 - O fumo e os problemas dentários. | 37 - Câncer da mama. | 51 - Câncer do baço. |
| 07 - Câncer da tireóide. | 23 - O perigo do fumo na gravidez. | 38 - Câncer do seio - aprenda a examinar os seios. | 52 - Mieloma. |
| 08 - Câncer da tireóide após tratamento radioativo de cabeça e pescoço. | 24 - Diálogo sobre fumar e ter saúde. | 39 - Mamografia. | 53 - Leucemia do adulto. |
| 09 - Câncer da laringe. | 25 - Câncer e álcool. | 40 - Câncer do ovário. | 54 - Novos tratamentos. |
| 10 - Reabilitação da fala após o câncer da laringe. | 26 - Tumores dos olhos. | 41 - Câncer do útero. | 55 - Umunologia. |
| 11 - Câncer do estômago. | 27 - Leucemia na criança. | 42 - O que é teste papanicolaou, que toda mulher deve fazer uma vez por ano? | 56 - Aids. |
| 12 - Câncer do estômago. | 28 - Linfomas da criança. | 43 - Câncer da vagina e doenças venéreas. | 57 - Câncer do sistema nervoso. |
| 13 - Câncer do fígado. | 29 - Tumor do rim da criança. | 44 - Câncer da mama no homem. | 58 - Infecção na criança com câncer. |
| 14 - Câncer do pâncreas. | 30 - Neuroblastoma da criança. | 45 - Câncer da próstata. | 59 - Raios laser e câncer. |
| 15 - Câncer do rim. | 31 - Aumento do baco na criança. | | 60 - Tomografia computadorizada. |
| 16 - Câncer da bexiga. | | | |

NOVA SAFRA EM LIMEIRA

A chegada de sete bons reforços deixa a equipe com a esperança de repetir 1986

Até 1986, a cidade paulista de Limeira, a 160 km da capital, era famosa apenas pela excelência de seus 11,4 milhões de pés de frutas cítricas. Naquele ano, porém, o orgulho dos limeirenses se dividiu com outros pés — os dos jogadores da Internacional, que passaram a perna nos grandes no Campeonato Paulista e ficaram com o título, depois de derrotarem o Palmeiras por 2 x 1 na final. "O pensamento agora é repetir a dose", proclama o presidente Victório Marchesini.

Na verdade, com a inevitável saída de vários de seus campeões, o time realizou uma campanha apenas razoável na temporada seguinte e terminou em quinto lugar. Agora, com cerca de 40 milhões de cruzados no cofre, os dirigentes saíram à caça de reforços. E voltaram para Limeira com uma cesta repleta de bons negócios. "Conseguimos sete atletas de ótimo nível que estavam praticamente encostados", festeja o técnico Candinho, ele próprio uma das novidades. Aos 43 anos, o ex-treinador do Santos está completando uma década de profissão. Matreiro e competente, soube como construir o clima que os recém-chegados sonhavam encontrar. "Aqui é muito mais tranquilo", garante Edvaldo Sebastião Garburo, 26 anos, ex-

zagueiro central do Corinthians. "Lá, só jogava quem caía nas graças do treinador e do presidente", alfineta ele, com mágoas de Formiga, que hoje dirige o Cruzeiro, e de Vicente Matheus.

Atritos com dirigentes também selaram o destino do ponta-direita Gil Marildo Borato, de 24 anos, que se desentendeu com o presidente do Cruzeiro, Benito Masci. "Sem nenhum motivo aparente, ele começou a encenar comigo", queixa-se o jogador.

AR MENOS CARREGADO — O cartola, por sinal, continua segurando em Belo Horizonte o meia Eduardo, cujo contrato a Inter acertou junto com o de Gil. "Não deixe o homem enrolar muito", aconselhava Gil ao



Kita, de volta a Limeira, reclama do Flamengo: "Colocavam até seis jogadores no meio-campo"



Edvaldo, Paulo Matos, Abelha, Jorge e Gil: jogadores que estavam ansiosos por uma mudança de clube, eles sonham com as finais do Paulistão

Candinho, completando na Inter dez anos como técnico: "Nós só estamos começando"



companheiro, em conversa telefônica sexta-feira passada. "O ar daqui é menos carregado", avisava.

Foi isso, aliás, que incentivou a volta de João Leithardt Neto, o centroavante Kita, de 29 anos. Herói na campanha de 1986, quando marcou 24 gols, Kita transferiu-se para o Flamengo. Na Gávea, segundo ele, seu oportunismo foi barrado por esquemas táticos defensivos. "Os técnicos colocavam até seis jogadores no meio-campo", reclama. "Kita só não fez sucesso no Rio

porque não é fominha", engrossava o coro a mulher do jogador, Carmem.

COLHEITA DE VITÓRIAS — Se depender do ponta-esquerda Paulo Renato de Matos, 27 anos, o centroavante logo voltará a balançar as redes adversárias. Desgostoso com o raro apoio desfrutado no Internacional de Porto Alegre e com um futuro pouco ensolarado prometido pelo mercado gaúcho, Paulo Matos arrumou as malas à espera de um aceno de al-

gum clube paulista ou carioca. "Eu aposto em mim e nesse grupo", dispara ele.

Embora não carregassem frustrações do antigo clube, o goleiro João Batista Lopes Abelha, de 29 anos, e o quarto-zagueiro Jorge Augusto Pinto, de 28, deixaram o São Bento de Sorocaba (SP) também em busca de um brilho mais intenso. "Jogar aqui dá mais status", acredita o camisa 1. "E não é tão difícil chegar às finais do campeonato", completa o zagueiro.

Claro, o otimismo contagiou os torcedores da cidade, que acompanham com mais fervor o trabalho comandado por Candinho. "Estamos apenas começando", lembra o técnico, preocupado em conter o ânimo dos mais exaltados. No íntimo, porém, ele acredita que, assim como a produção de laranjas aumenta no outono, a Internacional poderá colher uma safra de vitórias a partir deste verão.

Ubiratan Brasil

CORITIBA

VIEMOS PARA GANHAR

Com 27 milhões de cruzados, os coxas contratam sete caras novas e entram firme na briga pelo título paranaense

Coritiba está saindo na frente da disputa pelo título paranaense de 1988. Com um caminhão de contratações feitas este ano, os coxas têm tudo para se dar bem. Esses ventos de euforia que sopram pelos lados do Alto da Glória — o elegante bairro curitibano em que se ergue a sede do clube — são justificáveis. Afinal, até onde a vista alcança, não há no Estado um adversário pronto para enfrentá-lo. O Pinheiros, atual campeão, e o Atlético, o maior rival, venderam alguns de seus melhores jogadores. E o Coritiba trouxe sete, praticamente de uma vez só.

Pereira, Marquinhos, Gilberto, Everaldo, Ricardinho, João Carlos Maringá e Márcio Ramos — eis os nomes que o torcedor logo aprenderá a respeitar. Esta é a expectativa do recém-empossado presidente Bayard Osna e do novo técnico, Cláudio Duarte, campeão estadual pelo Pinheiros em 1984.

"Para conquistar um campeonato, um time forte não é suficiente", analisa o treinador. "É necessário um grupo forte." Conhecido por sua fama de retranqueiro, ele diz que fará mudanças. "A formação básica será com quatro homens no meio-campo, como faço há dez anos", informa. "Mas também será uma equipe ofensiva." Os currículos dos reforços mostram que Cláudio estará bem servido.

O zagueiro-central Gilberto Pereira dos Santos, 22 anos, 1,82 m, 65 kg, foi o primeiro a chegar ao Couto Pereira. Comprado por 3 milhões de

cruzados junto ao Matsubara, ele mostra-se confiante. "É um grande time e temos tudo para brigar pelo título novamente", declara, cheio de otimismo.

Tal entusiasmo é compartilhado pelo meia João Carlos "Maringá" Giovanaz. Envolvido na transferência do lateral Hélcio para o Guarani, seu passe custou ao Coritiba 4 milhões de cruzados. Paranaense de 24 anos, 1,79 m e 79 kg, Maringá foi revelado pelo Pato Branco, time de sua cidade natal, em 1981. Dali seguiu para o Grêmio Maringá, onde ganhou o apelido, e jogou no Joinville. Depois, desembarcou em Campinas, no ano passado.

FASE DIFÍCIL — "No início passei por uma fase difícil, pois tive uma distensão na coxa", conta. "Mas superei o problema rapidamente." Firmado como titular no Guarani, acabou disputando metade do Campeonato Paulista. "Saí por motivos políticos", sustenta. "A nova diretoria negociou todos os jogadores comprados pela administração anterior."

Astros do Londrina na última temporada, Marquinhos e Ricardinho também entram firme na briga pelo título paranaense. Comprados por 8 milhões de cruzados, os dois jogadores garantem que vão esquentar o campeonato. Principalmente porque o Atlético, precisando de dinheiro, vendeu duas jovens estrelas ao Guarani, o meia Pedrinho e o zagueiro Marcão. E o Pinheiros desarmou

um time que vinha entrosado há quase cinco anos.

Campeão estadual de juniores em 1985, o lateral-esquerdo Marquinhos, 1,80 m e 69 kg, espera se firmar como titular. "Quero estar tirando na Copa União", promete. Seu companheiro da antiga equipe — o meia Ricardinho, com 21 anos, 1,67 m e 61 kg — tem, evidentemente, o mesmo objetivo.

O treinador Cláudio Duarte, com todo esse material



Márcio Ramos, Gilberto, Pereira e



O meia Ricardinho e o lateral Marquinhos: ex-estrelas do Londrina, vão



Maringá: os reforços recrutados pelo time estão otimistas e garantem muitas emoções na temporada



lutar para vestir a camisa de titulares

nas mãos, faz questão de esconder o jogo e cria suspense para anunciar a escalação titular. "A cada dia treino uma formação", diz ele. "Espero, porém, contar com um lateral que avance e seja eficiente no ataque."

CLIMA FESTIVO — O clima de espera pelo campeonato sugere uma festa contínua. Apresentado ao elenco, o zagueiro Everaldo — que custou 8 milhões de cruzados — sentiu o ambiente descontraído. "A transferência para outro time sempre assusta", afirma. "Aqui, estou à vontade."

Comprado ao Avaí, de Florianópolis, o zagueiro, de 24 anos, 1,76 m e 73 kg, foi o único indicado pelo técnico Duarte, com quem já havia trabalhado no Guarani e no time catarinense. "No Coritiba, vamos manter nosso bom entrosamento", aposta.

Revelado pelo Atlético Mineiro, o goleiro Márcio Pereira Monteiro, 25 anos, é o mais famoso de todos os reforços do Coritiba. Pereira

chega com a difícil tarefa de substituir Rafael — agora no São José, de São Paulo —, um dos responsáveis pela conquista do Campeonato Brasileiro, em 1985. "Quero fazer do Coritiba um campeão: temos as melhores chances", anuncia Pereira, que custou 3,3 milhões de cruzados.

Por fim, o centroavante Márcio Ramos, 22 anos, 1,78 m e 76 kg, foi o que saiu mais barato: 700 000 cruzados. Ele pretende mostrar, contudo, que vale muito: "Vou lutar pela posição".

Estimulado pela concorrência de seus novos companheiros, o rebelde Lela, ídolo da torcida, jura que tomará juízo e ajudará o Coritiba a fazer uma boa campanha. Enquanto isso, os coxas, de energia renovada, se armam para entrar em campo, esperando presentear a torcida com o título do próximo Campeonato Paranaense. Afinal, todos vieram para ganhar.

Alfredo Gebrim

SANTOS

OS GRINGOS DO PEIXE

Os brasileiros Luvonor e Zizinho voltam do exterior para dar novo ânimo ao time da Vila Belmiro

Os dois surgiram como promessas de craques. Zizinho, no São Paulo de Carlos Alberto Silva, campeão paulista de 1980. Luvonor, no Goiás, em 1983, despertando o interesse de vários grandes clubes.

Essa nova dupla de meio-campistas do Santos, porém, jamais alcançou, no Brasil, o status de estrelas de primeira grandeza. Antes que isso pudesse acontecer, foram vendidos para o exterior. Agora voltam dispostos a confirmar o talento revelado no início de suas carreiras e ajudar o time da Vila Belmiro a dar outra vez alegrias a sua imensa torcida.

Como teria sido se eles nunca tivessem partido? "Talvez eu já estivesse na Seleção Brasileira", arrisca o pernambucano do Recife, Geraldo Francisco dos Santos, o Zizinho. "Quem sabe eu estaria jogando no Fluminense ou no próprio Santos", completa o mineiro, de Pirajuba, Luvonor Donizete Borges.

Quis o destino, entretanto, que eles fossem mesmo para fora do país. Zizinho saiu primeiro: em 1981. Carlos Alberto Silva, na época técnico do São Paulo, já o havia lançado em jogos do Campeonato Paulista.

PASSE VALORIZADO — Atuando como titular em inúmeras partidas, ele honrou o apelido herdado de um craque tricolor dos anos 50: o Mestre Ziza. Ninguém duvidava de que aquele ex-jogador de fu-

tebol de salão, artilheiro da Seleção Brasileira de Juniores, iria longe. Muito menos os dirigentes do América do México, que compraram seu passe a peso de ouro: 40 milhões de cruzados — a preço de hoje — por um jogador de apenas 17 anos.

"Eu não queria sair do Morumbi", revela Zizinho. "Os dirigentes me convenceram de que a proposta era irrecusável. Fui, mas pensando em voltar um dia."

VITRINA ITALIANA — Luvonor já não teve dúvidas em trocar Goiânia pela Itália. Destino: o Catania. "Os italianos vieram com uma oferta de 800 000 dólares (cerca de 64 milhões de cruzados) e levaram meu passe", conta. A mudança aconteceu em 1983, logo depois da Taça de Ouro.

O Goiás havia feito a melhor campanha de sua história em Campeonatos Brasileiros e Luvonor apareceu como a principal figura do time. "A Itália já era a vitrina do futebol mundial", explica. Mas ele não contava com uma coisa: o Catania era uma desagradável exceção entre os organizadíssimos clubes italianos.

Em menos de dois anos, a equipe foi rebaixada para a Série B, a Segunda Divisão. E não foi tudo. Depois do último campeonato, caiu para a terceira, obrigando-se a negociar o meia. É que, na Itália, equipes dessa categoria não podem manter jogadores estrangeiros.

RICOLFO MACHADO



Luvonor, mineiro de Pirajuba: revelado no Goiás, ficou quatro anos no Catania, da Itália



Zizinho, pernambucano do Recife: surgiu no São Paulo e foi parar no México



Luvonor e Zizinho, no Estádio Urbano Caldeira: O Santos fará uma grande campanha no Paulistão deste ano

Tantos fracassos refletiram-se no rendimento de Luvonor dentro do campo. "O ambiente é horrível para um jogador estrangeiro dentro do futebol italiano", queixa-se. "As pessoas controlam demais sua vida e exigem que você seja sempre o melhor em campo."

Seu novo companheiro de clube, no entanto, conseguiu melhor sorte no México. Zizinho teve a felicidade de jogar no principal clube do país, o América, onde foi bicampeão nacional. Pas-

sou, mais tarde, por outras duas equipes: o León, de Guanajuato, e o Necaxa, da capital. Jogou show-bol nos Estados Unidos e curtiu a Disneylândia, ao lado da mulher Liliane e de Éder, o filho de 4 anos, ambos mexicanos.

A adaptação do ex-são-paulino foi tão perfeita que ele voltou de lá com um leve sotaque castelhano. Situação bem diferente da de Luvonor, que prefere riscar o capítulo Itália de sua vida: "Minha mulher foi assaltada

duas vezes; numa delas, levaram nosso carro", reclama. "Só quem viveu num lugar controlado pela Máfia, como eu, com as pessoas sendo mortas no meio da rua, pode entender o que isso significa."

Feliz com a nova cidade, Luvonor — 27 anos no próximo dia 15 de fevereiro — garante estar em plena forma física. Igualmente alegre, Zizinho, 25 anos, assume estar acima de seu peso ideal. "Com esse calor, logo ficarei enxuto", brinca.

Os dois treinam em tempo integral, junto com o resto do elenco santista. "Tenho certeza de que o Santos fará uma grande campanha no Paulistão", opina Luvonor. "Com estes dois, não seremos mais aquele time morno", acredita o técnico Geninho.

Se depender da vontade de Zizinho e Luvonor, e com a ajuda do calor de 35 graus que tem feito em Santos, essa não será das tarefas mais difíceis.

José Emílio Aguiar



Luís Carlos: sem dar importância à rivalidade Gre-Nai, ele veste sua nova camisa com determinação de vencer

LUÍS CARLOS

ENTUSIASMO COLORADO

Ganhar, ganhar, ganhar. Esta é a receita do ex-armador do Grêmio, agora no Inter em busca de mais um título em sua carreira de campeão

Ele não gosta de perguntas sobre sua vida particular. Não treina nem um segundo além do que o preparador físico manda. Voltou do Rio de Janeiro cheio de queixas do Vasco. E, se alguém pensa que sua motivação nos Gre-Nais será maior — pelo fato de já ter jogado no Grêmio —, saiba que ele acha esse aspecto da rivalidade gaúcha uma bobagem. É um ranheta.

Mas a ranheteira de Luís Carlos Martins Júnior, 24

anos, o meia-armador que o Internacional foi buscar no Vasco por 9 milhões, exhibe um aspecto que interessará agradavelmente aos colorados: sua insatisfação com o que já conseguiu.

Ele foi vice-campeão da Taça Libertadores da América em 1984 e campeão gaúcho com o Grêmio em 1986, além de campeão carioca no ano passado, pelo Vasco. "E sabe o que é isso? Nada", desdenha, com cara de enfado. "Quero ganhar, ganhar,

ganhar. Tem jogador que foi campeão da Taça Guanabara e considera isso título. Chego a achar graça."

Foi essa faceta de seu temperamento — um conformismo mal-humorado que se expressa em determinação de vencer — que motivou os dirigentes do Inter e o técnico Ênio Andrade a trazer Luís Carlos de volta para Porto Alegre. Além de seu futebol, é claro. Quem o esqueceria? Em sua estréia nos profissionais do Grê-

mio, em 1983, aos 20 anos, ele apagou o superastro colorado Rubén Paz e luziu como o melhor do jogo.

Garoto de personalidade forte, intercalava momentos de brilho e ira — quando era deslocado de posição —, e por isso foi emprestado ao Vasco, em 1985. Voltou no ano seguinte para ser campeão gaúcho. Mas o clube carioca não o esquecia, e em 1987 comprou seu passe — para revendê-lo ao Inter, um título e muitas brigas depois.

"Eu é que fiz questão de voltar ao Vasco, no ano passado", recorda. "Mas, olha, fui muito menos feliz do que em 1985, embora tenha sido campeão." O engraçado, em Luís Carlos, é que ele se rebelava até contra a imagem de rebelde. "Os dirigentes do Vasco foram dizer à imprensa que eu queria escolher a posição. Ora, apenas falei ao técnico da época, o Joel Santana, que eu não tinha ido lá para ser reserva. Muito menos para jogar de ponta-de-lança ou de ponta-esquerda. Depois disse a mesma coisa para o Sebastião Lazaroni. Só isso."

BRONCAS DE LADO — Segundo ele, o time ganhou o título porque na hora H os jogadores deixaram as broncas de lado e botaram o coração na disputa. "Até o Tita esqueceu que não gostava da ponta-direita", reforça. Em resumo, Luís Carlos acha que seu passe teria valido 18 milhões, e não a metade, se tivesse atuado de meia-armador. "Ali, sei fazer triangulações e enfiar passes entre os zagueiros. Como ponta-de-lança, rendi a metade do que posso."

Embora pareça absurdo, os desentendimentos têm o dom de vir em benefício de Luís Carlos: quase sempre suas brigas visam ganhar títulos. Em 1985, por exemplo, a pouca importância que o Vasco dava à Libertadores provocou duras críticas suas ao time — e uma troca de socos com seu colega Geovani. "Aquilo me desesperava", conta, ainda inconformado. "Só o Santos, o Flamengo e o Grêmio tinham sido campeões do mundo. O Vasco podia chegar lá, mas ninguém dava bola. Explodi."

No Grêmio, uma típica atitude não era bem-vista: ele xingava e gesticulava quando um companheiro não corria atrás de um passe. Não gosta da lembrança. Mas concede: "Também tenho defeitos, né?" Aliás, a



No Vasco, em 1987: um título carioca e muitas brigas



Patrícia, a bonita namorada: com ela, paixão e sorrisos

antevisão de confrontos com os ex-companheiros não lhe causa nenhuma sensação: considera o Inter, o outro pólo da rivalidade, apenas mais um grande clube em sua carreira. "Para falar a verdade, nunca tive time do coração", confessa. "Se iniciei minha trajetória no Grêmio, foi porque um gremista gostou de meu jogo e me levou para lá."

Deixando o passado de lado, Luís Carlos prevê um ótimo futuro no Inter, um time guerreiro e determinado "como eu gosto". Nem um possível conflito com Gilberto Costa, o outro meia-armador do elenco, abala sua confiança. "No Vasco, se eu tivesse disputado a posição com o Geovani, teria sido melhor", compara, dando a entender que essa é a solução natural. E acrescenta: "Eu teria sido o titular". O que vem por aí?

A VEZ DO CORAÇÃO — O estado de espírito de Luís Carlos oscila. A tensão que os assuntos de futebol lhe causam se dissipa na hora das fotos com Patrícia Lima, a bela namorada carioca, que passa as férias na casa dos pais dele. Sorrisos e mais sorrisos. A cara se fecha, porém, quando se tenta conversar com Cármen, sua mãe. "Não, não", recusa-se. "O que tu queres perguntar a ela? Fui um menino comportado, não tive problemas nem traumas."

De volta ao Beira-Rio, para o treino, nota-se sua barriga saliente. São 3 kg acima dos 67 ideais — resultado das churrascadas das férias, segundo ele. "Em duas semanas sai", sorri, despreocupado, avisando que não fará exercícios por conta própria. "Só que, nos jogos, quando o normal é dar três piques, dou seis", afirma, para mostrar que nele se pode confiar. É esse temperamento que os colorados anseiam ver dentro de uma camisa vermelha.

Divino Fonseca

Os técnicos
Plorra e Magela:
concorrentes
tradicionais



MINAS GERAIS

DÁ-LHE, JUIZ DE FORA

Com Sport e Tupi na Primeira Divisão, o futebol mineiro reacende uma bela rivalidade e cresce a expectativa de uma cidade pelo confronto entre suas duas equipes



As duas equipes lado a lado. Em pé, da esquerda para a direita, o time do Tupi (camisa listrada): Amauri, Evaldo, Ari, Gomes, Adalberto e Jorge Luiz; agachados: Jackson, Chiquinho, Paulo Roberto, Almir e Betinho. Na mesma disposição, o Sport (camisa verde): Em pé: Osmari, Valdo, Marquinho, Dé, Valdir e Jorge Lima; agachados: Mamão, Guto, Luizão, Zebu e Ronaldo



MINAS GERAIS

Envolvida com a festa, a torcida aguarda o duelo

Em 1987, o Tupi, de Juiz de Fora, terminou o Campeonato Mineiro em terceiro lugar — logo atrás da dobradinha Cruzeiro e Atlético. Isso já seria motivo de comemorações. Houve mais, porém: o outro time da cidade, o Sport, conseguiu uma grande façanha também. Subiu para a Primeira Divisão. A festa, então, foi completa.

Ou melhor, vai ser completa agora em 1988, com Tupi e Sport brigando entre si — o que reacende uma bela rivalidade — e contra todos, para mostrar que Juiz de Fora pode ser candidata potencial ao posto de segunda maior força do futebol mineiro. Atrás dela vem Uberaba, que, fora a capital, também conta com dois times disputando o Campeonato da Primeira Divisão.

"Finalmente reocupamos nosso devido lugar", alegrou-se o prefeito Tarcísio Delga-



Oliveira, presidente do Tupi: investindo no time

do, do PMDB. Afinal, o retorno à Primeira Divisão representa por si motivo de euforia. "No ano passado, até a torcida do Tupi nos ajudou", ressalta José Simão, presidente do Sport.

EQUIPE REATIVADA — O triunfo alviverde deve ser sublinhado por sua rapidez: o Sport reativara seu time em 1986, após sete anos sem futebol, e teve de recomear na Terceira Divisão. "Cumprimos nossa missão bem antes do tempo", vangloria-se o cartola Simão. Em meio aos festejos, renasce revigorada uma histórica rivalidade, que

faz lembrar o derby de Campinas (SP), entre Guarani e Ponte Preta, o tradicional Ca-Ju, entre o Caxias e o Juventude, em Caxias do Sul (RS), ou mesmo o confronto de Goytacaz e Americano, em Campos (RJ).

"Esta cerimônia toda é só no início", adverte Maurício Baptista de Oliveira, presidente do Tupi. "Hoje, somos outra vez concorrentes." Trata-se de uma declaração de respeito — até porque o Galo local passara, anos antes, pela mesma penúria do rival. Mais antigo e tradicional clube da cidade — fundado há 76 anos —, o

Tupi mergulhara na crise em 1973, quando extinguiu seu quadro profissional. Reativado em 1980, voltou à Primeira Divisão em 1982, obteve o quarto lugar em 1985 e o terceiro no ano passado.

Para esta batalha em especial, as duas equipes se armam como podem. "Estamos promovendo uma renovação profunda", anuncia o presidente alviverde Maurício Oliveira, que começou por dispensar o centroavante Luizão. "Reforçaremos o time dentro de nossa realidade", promete o presidente alviverde José Simão, cuja primeira aquisição foi justamente Luizão, o artilheiro do campeonato passado com doze gols. "Eu era ídolo no Tupi", proclama o atacante de 36 anos que julga ter mais de quinhentos gols. "Serei artilheiro do lado de lá", espera.

SALVANDO A PÁTRIA — Luizão pode ter sido a transação mais badalada — para Juiz de Fora, mais ou menos como se Zico trocasse o Flamengo pelo Fluminense. Quem causa maior surpresa, porém, é o técnico do Sport, Geraldo Magela Tavares, 60 anos, a maior parte deles de-

UM PÓLO INDUSTRIAL NA ZONA DA MATA

Com uma população aproximada de 400 000 habitantes, Juiz de Fora é o mais importante centro industrial da Zona da Mata mineira. Distante 259 km de Belo Horizonte, a cidade, antes chamada Santo Antônio de Paraibuna, teve seu nome alterado em 1865. Segundo antigos moradores, foi assim batizada por não ter um juiz próprio. Quando necessário, o magistrado era solicitado em



Juiz de Fora: atuante centro econômico de Minas

Barbacena, município vizinho.

Além do pólo industrial — são 1 800 empresas catalogadas — a cidade tem hoje 7 895 estabelecimentos comerciais. Destacam-se o setor têxtil, com 17,5% de participação, e a construção civil, responsável por 13,7% da receita do município.

No futebol, os jogadores mais famosos foram Zé Carlos, volante do Sport antes de ir para o Cruzeiro, e Andrade, juvenil do Tupi, que chegou à Seleção com a camisa do Flamengo.



O prefeito Delgado: construindo o estádio municipal de 55 000 lugares, previsto para ser inaugurado em julho

dicada ao rival Tupi, no qual ocupou a vice-presidência. "Saí por questões político-estruturais", discursa Magela. "No Sport sou tido como milagreiro e salvador da pátria."

Milagre ou não, o fato é que o nome de Magela está escrito em capítulos gloriosos na história dos dois times. No Tupi, armou aquele que, em 1966, ficaria conhecido como "O Fantasma do Mineirão" — um esquadrao cuja façanha consistiu em bater Atlético, Cruzeiro e América, um atrás do outro, em plena Belo Horizonte. No Sport, reconduziu a equipe à Primeira Divisão.

Para armar o Sport este ano, Magela conta, além do goleador Luizão, com dois reforços: o lateral Valdir e o meia Mamão — os dois pinçados do inimigo Tupi. "E não precisaremos de muito mais que isso", crê Magela. Para tanto, ele contará com o time-base que triunfou na Segundona. Uma única preocupação ronda a diretoria alviverde: elevar o nível dos salários, cuja média atual beira os 20 000 cruza-

dos. "Mas estamos com os pés no chão", frisa o presidente José Simão, certamente pensando nos 7 milhões que tem em caixa.

PRESENTE DE CARTOLA — Dinheiro tampouco é um problema que afligirá o Tupi. Ou melhor, o presidente Maurício Baptista Oliveira.

Dono da SEG — Serviços Especiais de Segurança —, faz dela o quartel-general do Tupi. "Mas não misturo futebol com negócios", adianta. Tal filosofia reserva exceções. Sem contar o ônibus para transporte, Oliveira presenteou o time com muitos jogadores.

Recém-contratado para di-

rigir o Tupi, Francisco de Assis Mendonça, o Piorra, garante que não sofre pressões do presidente para escalar o time. "Nós praticamente conversamos só por telefone", afirma Piorra. A seus ouvidos, no entanto, deve ter chegado o aviso do patrão para o caso de o time ir mal. "Contratei nove jogadores como ele me pediu", raciocina o cartola-mor. "Sinto-me no direito de fazer críticas construtivas."

O certo é que Juiz de Fora anseia para assistir ao primeiro clássico entre as duas equipes. "Hoje eu saio à rua tranqüilo: sei que ninguém vai me gozar", assegura João "Garoto", uma mistura de torcedor-símbolo e pai-de-santo do Sport. Em breve, ele e os demais torcedores poderão satisfazer este desejo das arquibancadas do Estádio Municipal, com capacidade para 55 000 pessoas, previsto para ser inaugurado em julho. Até lá, a expectativa cresce. É a hora de torcer — cada um por si — pelo sucesso de Juiz de Fora.

Bruno Bittencourt



João "Garoto", torcedor-símbolo: adeus às gozações



CORINTHIANS

CHEGOU O PÉ-QUENTE

Seis títulos ganhos em apenas quatro anos, Paulinho vem para dar sorte ao time de Jair Pereira

Alegrai-vos, fiéis supersticiosos: Paulinho é do Corinthians. Para eles, o jogador que chegou ao Parque São Jorge não é apenas um dos melhores pontas-esquerdas do futebol brasileiro. Antes de tudo, é um pé- quente, um verdadeiro amuleto contra o azar.

Os céticos não acreditam? Bem, então vamos dar uma olhada no passado desse atleta de 23 anos. Ainda júnior do Fluminense, chegou à Seleção Brasileira da categoria, sagrando-se campeão sul-americano, na Bolívia, e mundial, no México. No mesmo ano de 1983, foi vice-campeão (medalha de prata) dos Jogos Pan-Americanos de Caracas. Era só o começo.

Titular em todas essas seleções, Paulinho chamou a atenção pelos dribles desconcertantes, os cruzamentos precisos e o jogo solidário. Mais impressionado ainda ficou o técnico Jair Pereira, que dirigiu a garotada no México e na Bolívia. Foi ele quem insistiu agora junto ao presidente Vicente Matheus para trazer o ponta que cresceu em suas mãos.

GOL HISTÓRICO — Profissionalizado no Fluminense, sagrou-se tricampeão carioca (1983 a 1985) e campeão brasileiro (1984). Com gols decisivos — como o que marcou contra o Bangu, de

falta, na final de 1985 —, ele caiu nas graças da torcida. Mas não totalmente na dos treinadores do Flu.

De Cláudio Garcia, o primeiro com quem trabalhou, a Carbone, o último — passando por Parreira, Carlos Alberto Torres e Nelsinho —, Paulinho sempre ficou como opção para o segundo

tempo. Ou seja, entrava quando o titular Tato saía. "Nunca me considerei reserva dele", diz. "Às vezes o Tato jogava, às vezes jogava eu."

Fora de campo, a dupla de concorrentes mantinha uma relação tranqüila. "Sem ciúmes ou deslealdade", garante Paulinho. Mas ►



Paulinho: queimado de sol e tatuado no braço, o ponta troca quatro anos de indefinição no Flu pelo amor da Fiel

CORINTHIANS

Longe de Tato, agora o adversário é João Paulo

a verdade é que o entra-e-sai nunca o agradou. "Em quatro anos, o Fluminense recebeu várias propostas para me vender", afirma. "Só não havia jeito de me negociarem."

ENFIM, TITULAR — Na última Copa União, por causa de uma fratura na perna de Tato durante os treinamentos, a disputa resolveu-se em favor dele. Pelo menos temporariamente. A decisão de ir embora firmou-se de vez quando soube que seu nome estava sendo cogitado para uma troca com o Corinthians, envolvendo Jorginho e Cacau. Era, finalmente, a chance de ser titular num grande time.

"Na verdade, eu não queria sair das Laranjeiras", admite Paulinho. "Infeliz-



FOTOS FERNANDO FEMENTAL

Com a nova camisa: "Estou louco para estreiar".

mente, nunca me deram valor no Fluminense." Eis um engano. A torcida ficou atônita com sua saída. "É verdade", corrige-se. "Muita

gente me parava nas ruas, pedindo que eu mudasse de ideia."

Apesar de tudo, ele deixa o Rio de Janeiro sem má-

goas. Em sua cabeça, uma única certeza: "Sei que com o Jair Pereira joga quem estiver melhor". Isso por si é uma garantia para quem sempre confiou no próprio taco, embora a parada com João Paulo não esteja ganha por antecedência.

Dentro do Parque São Jorge, no entanto, fala-se abertamente na venda do outro ponteiro, ou sua adaptação numa posição na qual nunca jogou: a meia-esquerda.

PROCURANDO CASA — Sem se preocupar com essa questão, Paulinho vai tratando a sério de sua mudança para São Paulo. "Ainda não sei onde vou morar", comenta. Enquanto procura, Ana, sua mulher, e a pequenina Monique, a filha de 2 anos, ficam no Rio. E não é essa a única questão prática que tem para resolver. Falta discutir, com o irmão José Antônio, os detalhes da administração da sua loja de acessórios de automóvel.

Queimado de sol, tatuagem no braço e cabelos com reflexo, Paulo Roberto Ferreira Primo, um típico gato da zona sul carioca, mostra-se confiante com a vinda para o Corinthians. "Estou louco para estreiar", confessa.

Nem o fato de ser a única contratação alvinegra até aqui, aumentando sua responsabilidade diante da exigente e fiel torcida corintiana, diminui o entusiasmo. "Ele é um jogador acostumado a desafios", avisa o procurador e amigo Leão Moreira. "E tem mais uma coisa: o Paulinho é um bom artista, e todo bom artista não se impressiona com a platéia."

Feliz da vida e, pela primeira vez, astro de um time de massa, ele não esconde o sonho óbvio: a Seleção Brasileira. "Se na reserva do Fluminense eu fui convocado para outras seleções, imagine sendo titular", pergunta sorrindo. "Vai ser muito mais fácil."

Átila Santos



Diante da placa, o adeus à Rua Álvaro Chaves: "Nas Laranjeiras não me deram valor"

UMA FÉ QUE NÃO SE QUEBRA

Dez meses depois de uma fratura no perônio, o centroavante Vágner volta a bater bola e garante que em junho estará em campo com a camisa do Guarani

Ele havia sido contratado pelo Guarani no começo de 1986. Era a esperança de muitos gols. Afinal, seu talento com a camisa do Joinville chamara a atenção de vários clubes. E mais: no Campeonato Mineiro de 1981, fora o artilheiro com dezenove gols. Jogando pelo América, chegou à frente de Casagrande (que atuava na Caldense), Reinaldo (Atlético) e Edmar (Cruzeiro).

Foi só vestir a camisa 9 bugrina, entretanto, para que o azar acompanhasse o centroavante Vágner. Na Copa Brasil, ficou sete jogos seguidos sem marcar. O então técnico Gainete lançou um menino em seu lugar: Evair. Vágner esquentou o banco até março do ano seguinte. Voltou ao time quando Evair foi chamado à Seleção Brasileira para o Torneio Pré-Olímpico. A reestrela, cheia de sonhos de se firmar, aconteceu no Campeonato Paulista, em Campinas, contra a Portuguesa.

Era uma noite chuvosa, aquela da quarta-feira, 18 de março de 1987. Vágner nunca irá esquecer a data. O que deveria ser sua redenção acabou se transformando numa longa e penosa novela. Ao chocar-se com o goleiro Serginho, o centroavante levou a pior. "No impacto, pensei apenas que minha chuteira saía do pé", conta. "Depois é que percebi que a coisa não tinha sido tão simples assim."

Vágner sofreu fratura exposta do perônio esquerdo, além de ruptura dos ligamentos externos e internos. Recebeu os primeiros socorros no próprio vestiário. "Tive de morder



CLOVIS FERREIRA



CLOVIS FERREIRA



CLOVIS FERREIRA



NELSON COELHO

O terrível lance de 18 de março de 1987 (seqüência ao alto) e na praia, hoje, já pensando no retorno

uma toalha para suportar a dor", lembra sem um pingote de nostalgia. Na semana seguinte, Vágner foi operado. Doze meses depois, em nova cirurgia, os médicos lhe retiraram uma peça de platina do osso.

"DEPENDE DE VOCÊ" — Em julho, Vágner livrou-se do gesso na perna e iniciou o trabalho de fisioterapia. "Agora só depende de você", animou-o o médico Carlos Roberto Frias. Eram 9 horas diárias de exercícios e tratamento. Vágner Roberto de Oliveira, 26 anos, seguiu tudo à risca. Para amenizar os momentos difíceis, recordava-se da infância feliz em Inhapim, interior de

Minas, onde nasceu, e das boas fases que atravessou no América, Bangu, América do Rio e Fortaleza, até chegar ao Joinville. "O apoio da Náisia também foi fundamental", agradece abraçado à mulher.

Trezentos dias depois de sua delicada fratura, Vágner está voltando a bater sua bolinha, de leve. Na Praia do Gonzaga, em Santos, passou as férias de fim de ano em meio a muito sol, cerveja e peladas com a garotada na areia. "Sinto falta de um pouco de força no pé", avalia. De volta a Campinas, acredita que retornará aos campos em junho — de cabeça erguida e orgulhoso por ter superado a dor. E, além de reencontrar o caminho do gol, acrescenta outro desejo: "Gostaria que meu drama servisse de exemplo", emociona-se. "Nenhum companheiro deve desanimar diante de uma contusão grave."

Mário Sérgio Venditti

SEM O GUIA CAMPING



COM O GUIA CAMPING



Complicado, descomplicado. Você escolhe. Com o GUIA CAMPING, boa vida, sombra e água fresca. Sem, só Deus sabe. Com o GUIA CAMPING, 667 áreas de camping com instalações e equipamentos detalhados, classificados em 270 cidades do Brasil. Sem, você pode desclassificar suas férias.

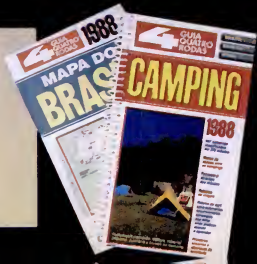
Com o GUIA CAMPING, mapas de acesso para os campings e o mapa Brasil com todas as estradas e quilômetros para você acampar aonde esperava acampar. Agora, para quem preferir dormir debaixo

de teto firme e barato, o GUIA CAMPING traz os albergues da juventude. Para esportistas aventureiros, um roteiro de onde praticar canoagem, vôo livre, surf, mergulho, vela, remo, caça submarina e excursionismo.

Com certeza, sem complicar, vá direto ao GUIA CAMPING.



NAS BANCAS



ENTREVISTA

*Dirceu, no Vasco:
aos 35 anos, o
retorno a
São Januário*



DIRCEU

"CONTINUO JOGANDO BEM"

De volta ao Brasil — e ao Vasco —, o veterano jogador diz que não é arrogante nem bajulador e ainda faz planos para o futuro

Por LUCI VASCONCELOS

Oparanaense Dirceu José Guimarães, 35 anos de idade e vinte de carreira, carrega a marca da perseverança. Mal assinou contrato com o Vasco da Gama — por apenas seis meses —, já faz planos de voltar à Itália para mais uma temporada.

“É preciso driblar o preconceito de que, depois dos 30, o jogador está velho para o futebol”, fulmina Dirceu. A persistência, entre-

tanto, não é a única marca registrada desse voluntarioso e polêmico jogador. Suas declarações, quase sempre, costumam chamar tanto a atenção quanto o fôlego que mantém, depois de tantos anos de atividade. “Hoje, termino o jogo e me sinto inteiro”, garante, orgulhoso. “Enquanto continuar assim, sigo jogando.”

O irrequeto Dirceu começou sua carreira no Coritiba

e transferiu-se para o Botafogo em 1973. Ganharia seu primeiro título carioca três anos mais tarde, no Fluminense. No ano seguinte, repetiu o feito no mesmo Vasco para onde retorna agora. Nesse meio-tempo, girou num movimentado carrossel internacional, passando pelo América, do México, Atlético de Madrid e cinco clubes italianos — Verona, Napoli, Ascoli, Como e Avellino.

Pela Seleção Brasileira, disputou as Copas de 1974, 1978 e 1982. Só não chegou à quarta, em 1986, porque foi cortado às vésperas do embarque.

Casado, pai de três garotos, ele ostenta uma tranquila situação financeira. Dez anos depois de ter saído do país, diz que voltou para acabar com a imagem de arrogante da qual acredita ser vítima.

PLACAR — *Certa vez você se comparou a um carro velho mas bem conservado, melhor que muitos 0 km. Qual o segredo de tanta energia, aos 35 anos?*

DIRCEU — Achar um jogador velho, nesta idade, é algo que me deixa triste. Também me estristece constatar que o dirigente brasileiro pensa mais no passaporte do jogador do que no trabalho desenvolvido por ele em campo. Ora, a experiência no exterior tem sido muito importante para garantir uma sobrevida na carreira do atleta. Só depois que me viem jogar poderão dizer se estou velho ou não.

PLACAR — *E o Dirceu, se sente velho?*

DIRCEU — Claro que não. Ainda me sinto como se tivesse vinte e poucos anos. Tem jogador com 20 anos que joga como se tivesse 40. Idade não tem nada a ver com capacidade e talento. Senão, os técnicos formariam seus times somente com os juniores. O Flamengo, de Zico, Leandro e outros jogadores passando dos 30, acabou campeão da Copa União.

PLACAR — *Você se cuida muito para manter a forma?*

DIRCEU — Eu tenho uma condição de vida muito boa. Isso é mais importante que a idade. A maioria dos jogadores brasileiros, os que não estão nos grandes clubes, não tem essa chance. Além disso, sou inimigo do fumo e da bebida e cuido da alimentação. Embora tenha morado tanto tempo na Itália, resisti ao vinho, à pizza e ao macarrão. Sempre dei valor à minha profissão. Por isso, continuo jogando bem.

PLACAR — *Com vinte anos de profissão, você deve estar rico. Se quisesse, já poderia parar?*

DIRCEU — Rico, não, mas estou muito bem financeira-



"Depois da sujeira que me fizeram na preparação para a Copa do México, em 1986, Seleção para mim é coisa do passado"

mente. Hoje tenho condições de dar tranquilidade à minha mulher e a meus filhos pelo resto da vida. Posso vários imóveis no Rio e na Itália e, graças a Deus, não devo nada a ninguém.

PLACAR — *Isso teria algo a ver com sua fama de pão-duro?*

DIRCEU — Sou do tipo que pensa no amanhã. Não compro carro do ano só porque assinei um novo contrato com algum clube. Comecei com uma Kombi. Era tão velha que, quando eu fechava uma porta, as outras três caíam. Hoje, sou dono de um Mercedes. Como minha infância foi difícil, valorizo o dinheiro, o trabalho e o futuro. Se isso é ser pão-duro, então eu sou.

PLACAR — *Depois de tantos anos longe do país, você acha que o futebol brasileiro mudou?*

DIRCEU — Não posso falar muito sobre isso. Vi apenas

a final da Copa União, entre Flamengo e Internacional. Gostei bastante. Não do jogo, mas da torcida, que lotou o estádio. É um sinal de que o futebol pode estar voltando a representar a paixão popular que era antes.

PLACAR — *Comparando com a Itália, onde o campeonato é regido em moldes empresariais, altamente competitivos, a fórmula de disputa da Copa União pode ser considerada boa?*

DIRCEU — O que sei é que já representou um avanço. Apesar disso, os clubes que ficaram de fora estão aí, arrebatados. Acho que ela ainda precisa ser aperfeiçoada.

PLACAR — *Que sugestões você daria nesse sentido?*

DIRCEU — Para quem está há tanto tempo fora é difícil apontar a saída. O Campeonato Italiano é organizado somente com dezesseis clubes. É um campeonato que conta com uma grande cobertura da

imprensa, vive muito do jornalismo. É até difícil acreditar que um país tão pequeno faça uma competição como aquela. Talvez seja esta a diferença. O Brasil é muito grande. Tem duzentos, trezentos times. Talvez mais. Fica mais complicado organizar um campeonato inteligente, no qual todos sejam beneficiados.

PLACAR — *Você fez um contrato de apenas seis meses com o Vasco. É só para dar um tempo enquanto termina o Campeonato Italiano?*

DIRCEU — Exato. Quero voltar em julho para a Itália. Tive propostas para jogar na Inglaterra, Alemanha, França, México, Suíça e até no Canadá. Não aceitei nenhuma, porque prefiro voltar à Itália. Gosto muito de viver lá. Além disso, o Campeonato Italiano começa no meio do ano e, depois disso, fica difícil arrumar um clube.

PLACAR — *Sabe-se que você é botafoguense. Como será en-*

tão disputar o Campeonato Carioca pelo Vasco e, talvez, impedir um título que o Botafogo espera há tanto tempo?

DIRCEU — Sinto muito pelo Botafogo, que não ganha um campeonato há vinte anos e, nesta temporada, não vai ganhar de novo. Adoro o Botafogo, sou Botafogo, mas, se puder, farei até gols em meu time do coração.

PLACAR — A esta altura da carreira você ainda sonha com uma nova Copa do Mundo?

DIRCEU — Não. Depois de três Mundiais e da frustração de 1986 — fizeram muita sujeira comigo na preparação da Seleção para a Copa do México —, acho que isso, para mim, é coisa do passado.

PLACAR — Você continua magoado?

DIRCEU — Sem dúvida. Eu me apresentei antes de todos os outros jogadores e estava numa fase espetacular. Tive o azar de me machucar e não me deram qualquer chance de recuperação. Acabei cortado. Ainda hoje acho aquilo uma injustiça.

PLACAR — Há uma frase sua que ficou famosa: "Seleção sou eu e mais dez". Isso também vale para o Vasco?

DIRCEU — Não. Falei isso num momento de raiva, em 1978, quando me cortaram da Seleção. Depois, com a ajuda do Leão e de todos os meus amigos de equipe, acabei voltando. Mas continuei com aquela raiva e disse aos jornalistas que tentaram me derrubar: "Olhem, vocês vão ter de me agüentar. Na Copa do Mundo sou eu e mais dez". Daf, me perguntaram se eu me achava Pelé. Respondi que lutava honestamente e que na Copa seria eu e mais dez. E em 1978, na Argentina, fui eu e mais dez. A mesma coisa aconteceu em 1982, na Espanha. (Nesta Copa, na verdade, Dirceu jogou somente o

A DOR DE SER PROFISSIONAL



"Adoro o Botafogo, sou Botafogo, mas farei até gols em meu time do coração. O título ainda não virá este ano"

primeiro tempo da partida de estréia da Seleção, contra a URSS.)

PLACAR — Atribuiu-se também a você a acusação de que a imprensa é responsável pela maioria dos erros do futebol brasileiro, por não aceitar jogadores de estilo polivalente, como o seu. Você de fato pensa assim?

DIRCEU — Eu nunca disse isso. Comigo, qualquer formiga vira elefante. Não sei se é porque joguei na Europa, fui muito bem-sucedido e estou voltando ao Brasil num time grande. Talvez torcessem para que eu voltasse num time pequeno. Tem muita gente que não aceita isso e me ataca. Só que eu joguei em doze times diferentes e ninguém tem raiva de mim. Ao contrário. Não existe um jogador que seja meu inimigo.

PLACAR — Mas você é considerado uma pessoa arrogante e vaidosa. Como encara essas críticas?

DIRCEU — Isso é maldade. Tem gente na imprensa que não aceita o Dirceu porque — infelizmente é preciso dizer a verdade — ele nunca pagou sanduíche para jornalista. Não pago sanduíche para ninguém, não janto com ninguém.

PLACAR — Dizem que, às vésperas de cada Copa, você costumava fazer lobby e jogava a barra para aparecer nos noticiários... Era isso mesmo?

DIRCEU — Tenho de fazer propaganda de mim mesmo, porque ninguém mais faz. Antes da Copa do México chegavam aqui notícias sobre o Zico, o Júnior, o Edinho e todos os que estavam bem na Itália. De mim, não vinha nada. Era eu quem estava jogando melhor naquela temporada. Mas não pago ninguém para falar de mim.

PLACAR — E quem paga?

DIRCEU — Não sei.

PLACAR — Também se diz que

você gosta de agradar a jornalistas, treinadores e cartolas, manda recortes de notícias a seu respeito e cartões de boas-festas. Apesar disso, você vive brigando com a imprensa. Não é contraditório?

DIRCEU — Essa acusação é injusta. Eu nunca puxo o saco de ninguém, apenas trato todo o mundo com educação. Não aceito, porém, que me chamem de caixeiro-viajante, como um jornalista fez há alguns dias. Aqui implicam até com meu sotaque italiano. Tem gente que vem de Curitiba passar uma semana no Rio de Janeiro e fica logo com sotaque carioca. Eu, que vivi dez anos na Europa, tenho direito de misturar as coisas.

PLACAR — Até quando você pretende jogar futebol?

DIRCEU — Por mais uns três anos, embora só Deus saiba até quando minhas pernas irão agüentar. Hoje, termino o jogo e me sinto inteiro. Enquanto continuar assim, sigo jogando. □



Daher: novidade para a Copa Davis

A ARMA ANTI-BECKER

Substituir Carlos Alberto Kirmayr na equipe brasileira que vai disputar a Copa Davis parece não assustar o jovem tenista paulista José Amin Daher. Esta foi a principal novidade da convocação do técnico Paulo Cleto para enfrentar a forte equipe da Alemanha Ocidental, entre os dias 5 e 7 de fevereiro. Daher, 21 anos e 150.^o colocado no ranking mundial, vem treinando 6 horas por dia na Sociedade Harmonia de Tênis, em São Paulo. E espera atuar na partida de estréia, provavelmente contra a dupla Boris Becker e Eric Jelen. "Será uma ótima experiência", vislumbra.

Ao lado de Luiz Mattar, Cássio Motta e Ricardo Acioly, ele torce para o Brasil repetir, em quadras alemãs, a mesma atuação do ano passado. Ao derrotar o Equador, os brasileiros garantiram sua volta para a Primeira Divisão da Davis. Mesmo se não vencerem, ainda haverá uma última chance: uma repescagem contra o perdedor de Espanha x Dinamarca.

MEU FAMOSO XARÁ

Imagine que você está respondendo a um teste de conhecimentos e se depara com a seguinte questão: "Schumacher é o camisa 1 do time de juniores do Joinville. Falso ou verdadeiro?" O que responderia? Pois saiba que o goleiro catarinense Michel Ricardo Schumacher, 21 anos, 1,85 m e 74 kg, foi uma das atrações da Taça São Paulo de Futebol Júnior, encerrada no último domingo. Profundo admirador de Harold Schumacher, ex-arqueiro da Seleção da Alemanha Ocidental, a jovem revelação exibiu durante todo o torneio duas características semelhantes ao xará famoso: força e agilidade. "Não sei se sou parente dele", diz. "Mas procuro seguir seus passos."

Neto de imigrantes alemães, o Schumacher brasileiro ficou aborrecido ao perder a chance de conhecer o Schumacher verdadeiro, num amistoso que o Colônia, seu ex-clubes, fez em Joinville no início de 1987. "Um dia ainda falo com ele", promete.



GUANHA

RESENTO DOS ANOS



Os Schumachers: o do Joinville e o alemão

HABILIDADE NA MOTO

Nem só de velocidade vive o motociclismo. Prova disso é o trial, uma modalidade recém-chegada ao Brasil,

mas criada na Inglaterra no início do século. Mesmo ainda engatinhando, o trial brasileiro já conta com seu astro. Trata-se do paulista Freddy Tejada, 31 anos, atual campeão nacional. "O importante neste esporte é a habilidade e o domínio da moto", ensina. Cada prova consiste em vencer difíceis obstáculos — naturais ou mesmo artificiais, criados com toras de madeira, pneus de diversos tipos e cilindros de concreto.

Apesar de a velocidade nunca ultrapassar os 10 km/h, ele não fica devendo nada em emoção, garante Tejada. Além disso, o risco de acidentes praticamente não existe, até nas manobras que parecem perigosas. Só que, fora

Freddy Tejada, o astro do trial brasileiro: "Não faltam emoções"



RESENTO DOS ANOS

das pistas, os trialistas também enfrentam muitos obstáculos. O maior deles é a dificuldade de comprar motos apropriadas, fabricadas na Europa e no Japão, custando atualmente 3 000 dólares cada uma.

SEREIA NA ÁGUA

A modelo Luciana Vendramini nunca marca nenhum compromisso para o período da manhã. É que, neste horário, ela desliza seu corpinho escultural nas águas da piscina do Flamengo, no Rio de Janeiro. "Nado desde criança, pois adoro o contato com a água", conta. As braçadas de Luciana, aliás, tornaram-se famosas em Jaú, cidade paulista em que nasceu dezoito anos atrás. Especialista em nado de costas, ela arrebatou diversos prêmios no interior do Estado.

Até que o fenômeno Xuxa cruzou seu destino. Entre fevereiro e outubro de 1987, Luciana trabalhou como "xuxete" — uma das graciosas lourinhas que servem de assistentes de palco e guarda-costas da estrela contra os baixinhos. Foram oito meses sem cair na água, o que deixou a pequena sereia in-

tranquila. "Ficava até com falta de ar", lembra Luciana, que há dois meses retomou o velho hábito. Amante de esportes, ela planeja novas braçadas para um futuro bem próximo. Agora no caratê.



A ex-xuxete Luciana Vendramini: braçadas na piscina do Flamengo

RITMO PUXADO

Com uma perfeita coordenação de força, flexibilidade e criatividade, a paulista Flora Zacarias conquistou dias atrás o título do II Campeonato de Ginástica Aeróbica Runner/Nike, depois de eliminar 240 competidoras. Um de seus prêmios foi uma viagem para participar do Campeonato dos Estados Unidos. Flora será a primeira brasileira a disputar uma competição de tão alto nível no exterior. Para isso, pretende fazer um treinamento especial, além das habituais duas aulas diárias de nível avançado. "O Brasil tem bons ginastas", analisa a atleta. "O problema é que os americanos estão sete anos na frente."

Flora, 28 anos, pratica ginástica aeróbica desde seu surgimento por aqui, em 1985. Tudo para complementar seu condicionamento físico. "Comecei a praticá-la para manter a forma como tenista", comenta ela, formada em Educação Física e dona de duas academias de dança em São Paulo. "Quando fui ver, já estava participando de competições. Agora é meu esporte número 1."



A paulista Flora Zacarias, campeã de ginástica aeróbica: o prêmio será disputar bons torneios nos Estados Unidos

SEGUNDA 18

BOICOTE — Embora sem se pronunciar oficialmente, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos admite iniciar um movimento para transferir a sede dos Jogos Pan-Americanos de 1991, de Havana, Cuba, para Mar del Plata, na Argentina. Seria uma punição ao boicote cubano às Olimpíadas de Seul. A decisão, no entanto, caberá à Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa), que se reunirá em março, em San Juan, Porto Rico.

REPRISALIA — O diretor do Vasco e vice-presidente do Clube dos 13, Eurico Miranda, confirma que vai propor na reunião do Conselho Arbitral da CBF, na próxima sexta-feira, dia 29, a exclu-

são do Sport do Módulo Verde. "O Sport é indigno de participar da elite do futebol brasileiro", diz ele. É que o clube pernambucano entrou com uma liminar na Justiça Federal para garantir um quadrangular com Internacional, Flamengo e Guarani, que definiria o campeão da temporada passada.

TERÇA 19

RUMO À COPA PAULISTA — Luiz Mattar, Cássio Motta, José Amin Daher e Ricardo Acioly são os tenistas convocados pelo técnico Paulo Cleto para enfrentar a Alemanha Ocidental pela Copa Davis, de 5 a 7 de fevereiro, em Essen. Além de Boris Becker, atualmente quinto colocado no ranking mun-

dial, a grande preocupação para os brasileiros serão as quadras de *supreme*. Trata-se de um tapete emborrachado que deixa o jogo fluir muito rápido e favorece os jogadores de bons saques e voleios. "Quem chegar primeiro à rede deve fechar o ponto", acredita Luiz Mattar, o único tenista brasileiro na lista dos 64 nomes com presença garantida no Jogos Olímpicos de Seul — a relação foi divulgada pelo francês Philippe Chatrier, presidente da Federação Internacional de Tênis.

BASQUETE DISSOLVIDO — Com um déficit acumulado de 200 000 cruzados, o América carioca decide dispensar a equipe masculina de basquete, três dias antes do início da Taça Brasil. O Fluminense é confirmado na

vaga deixada pelo clube no grupo de Flamengo, Monte Líbano e Paysandu (PA).

CONVOCAÇÃO SURPRESA — Um nome surpreende na lista das quatorze jogadoras convocadas pelo técnico Jorge de Barros para formar a Seleção Brasileira de vôlei, que disputará o Torneio Pré-Olimpico, na Itália, em maio: Vera Mossa. Longe da equipe desde 1985, quando criticou o esquema de trabalho do grupo, a pontade-rede da Supergasbrás ainda não garantiu sua participação. "Vou conversar com algumas pessoas antes de dar uma palavra final", argumenta ela. O restante do grupo é o seguinte: Márcia (Minasgás), Ana Cláudia, Ana Moser, Ana Lúcia, Dora (Transbrasil), Sandra (Supergasbrás), Eliani, Ana Riche (Lufkin), Fernanda, Simone (Pão de Açúcar), Kerly, Vânia e Ana Paula (Pirelli).

TEMPORADA DE HOMENAGENS

A temporada de homenagens ao tricampeonato mundial de Fórmula 1, conquistado por Nelson Piquet no ano passado, continua aberta. Na segunda, dia 18, com apenas um sorriso, o piloto aprovou, em sua casa, em Brasília, o *layout* do bloco que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos pretende emitir, dia 31 de março, em comemoração ao título.

O bloco, desenhado pelo artista plástico Martius Americano do Brasil, mostra um carro Williams na pista, acompanhado por torcedores empunhando uma bandeira do Brasil, além de um perfil do rosto de Piquet. Dois dias depois, o corredor estava no Rio de Janeiro, onde recebeu do prefeito Saturnino Braga uma réplica da chave do ex-circuito de Jacarepaguá, desde 29 de dezem-

BRASIL - CAMPEÃO MUNDIAL DE FÓRMULA 1 - 1981 1983 1987



Comemorações pelo tri: selo e chave do autódromo



RODOLFO MACCHADO

bro rebatizado com seu nome. Piquet, que nasceu no bairro da Tijuca, declarou-se emocionado: "Vivo pelo mundo, mas sou cariocha de coração". O tricampeão trocou o Rio por Brasília — onde, aliás, o autódromo também recebeu seu nome dias atrás — aos 12 anos.

QUARTA 20

PRAZO PRORROGADO — O presidente do Comitê Olímpico da Coreia do Sul, Kim Chong-Ha, comunica que seu país mantém as esperanças de que Cuba e Coreia do Norte participem das Olimpíadas de Seul, em setembro. O dirigente informa que o prazo de inscrição está prorrogado até 13 de fevereiro — inicialmente a data-limite seria o domingo retratado, dia 17. Chong-Ha nega, no entanto, qualquer possibilidade de ser formada uma equipe comum entre as duas Coreias para organizar o torneio.

BASILIO DEMITIDO — A política de contenção de despesas empregada pelo presidente do Corinthians, Vicente Matheus, faz outra vítima. O auxiliar Basílio, o herói na conquista do título paulista de 1977, é demitido — o técnico Jair Pereira pre-

fere trabalhar sozinho. "E também o salário dele é muito alto para trabalhar nas divisões inferiores", argumenta Matheus. Basílio ganhava 65 000 cruzados.

QUINTA 21

PATROCÍNIO OLÍMPICO — O Banco do Brasil, que há três anos apóia a Seleção Brasileira de basquete, decide patrocinar toda a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Seul. Os custos não foram revelados, mas a Seed — Secretaria de Educação Física e Desportos — calcula

que o valor não será inferior a 500 milhões de cruzados.

JOSIMAR NA ESCÓCIA — O Dundee United, da Escócia, inicia entendimentos com o Botafogo para a compra do lateral-direito Josimar. O clube carioca pede 700 000 dólares para negociá-lo.

CND APOIA O FLA — O presidente do CND, Manoel Tubino, concorda com o Flamengo, que se recusa a fazer o cruzamento entre os Módulos Verde e Amarelo. Tubino disse que o clube não corre risco de punição. A decisão do Conselho Arbitral, que descartou o cruzamento, é soberana.



Orioli, campeão nas motos

SEXTA 22

FIN DO RALI DA MORTE — Os finlandeses Juha Kankkunen e Juha Piironen, pilotando

um Peagot 205, vencem o 10.º rali Paris — Dacar. Entre as motos, o campeão foi o italiano Eddy Orioli, com uma Honda. A morte, quinta-feira, de uma mulher mauritana e seu filho — atropelados por uma equipe de cinegrafistas — aumentou para seis o número de vítimas fatais deste rali. No total, são 24 desde sua criação. O Vaticano, o grupo liberal do Parlamento Europeu e os governos da Argélia, Mali e Senegal criticaram a competição, que rendeu 8 milhões de dólares (640 milhões de cruzados) a seus organizadores.

A VISTORIA DOS SENHORES DA FIFA

Elegantes e simpáticos, mas extremamente reservados em suas declarações. Foi assim que os cinco membros da FIFA encarregados da vistoria nos treze estádios brasileiros, indicados para os jogos da Copa do Mundo de 1994, realizaram seu trabalho em seis dias de intensa movimentação pelo país.

O grupo, comandado pelo alemão-ocidental Horst Schmidt, e completado pelos suíços Guido Gognoni e Walter Gagg, pelo espanhol Augustin Dominguez e pelo escocês Ernie Walker, deu a entender que o Brasil tem possibilidades de sediar a Copa, embora "muita coisa ainda deva ser feita".

Os grandes problemas detectados já eram conhecidos: falta de conforto e visibilidade para os torcedores, precárias condições para a imprensa (a FIFA exige uma sala de entrevistas para 250 jornalistas, tribuna para quinhentos e cabines para cinquenta emissoras de televisão), falta de estrutura para comunicações, restaurantes,



No Maracanã (ao lado), no Morumbi (abaixo, à esq.) ou na Fonte Nova (abaixo): os encarregados de observar os treze estádios do país indicados para a Copa de 1994 detectaram os mesmos problemas



bares e lugares numerados. Só um estádio arrancou elogios: o Beira-Rio, do Internacional, em Porto Alegre. Além dele, foram visitados Maracanã, Mineirão, Serra Dourada, Mané Garrincha, Pinheirão,

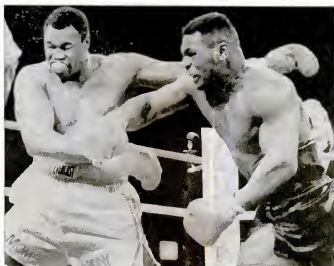
Olimpico, Morumbi, Fonte Nova, Arrudão, João Castelo e os dois Castelões (de Natal e Fortaleza). O grupo gastou no país cerca de 4 milhões de cruzados, que serão pagos pela CBF. De 21 a 25 de fevereiro, o



grupo vai vistoriar o Marrocos. Os estádios dos EUA serão observados de 10 a 18 de abril. Enfim, a 30 de junho, na sede da FIFA, em Zurique, Suíça, se conhecerá o país escolhido.

MIKE TYSON, O FURIOSO

Dura 11min55s exatamente o sonho do veterano Larry Holmes, 38 anos, de se tornar o mais velho campeão mundial de boxe peso pesado. Em Atlantic City (EUA), ele não resiste à fúria e à juventude de Mike Tyson, 21 anos, e é derrotado por nocaute, no quarto assalto, depois de três quedas. Foi a 33.ª vitória (29 nocautes) de Tyson, o "homem de ferro", que manteve o título unificado das três associações mundiais de boxe — AMB, CMB e FIB. Seu próximo adversário será o também norte-americano Tony Tubbs, dia 21 de março, no Japão.



Tyson massacrando: Holmes beijou a lona três vezes



SÁBADO 23

MINERAL VENCE — Ao derrotar a BCN-Unimep por 76 x 71 (43 x 42), no Ginásio do Ibirapuera, a Mineral, de Sorocaba, conquista pela primeira vez em 27 anos o título paulista de basquete feminino. Era a quarta partida da série decisiva e a terceira vitória da Mineral. Hortência, novamente, foi o grande destaque do time de Sorocaba.

DOMINGO 24

E O FLAMENGO JOGA — O adversário tinha camisas verdes, mas não era o Guarani. E o campo era a Gávea, não o Brinco de Ouro. Sem tomar conhecimento das determinações e ameaças da CBF — que queria o cruzamento dos módulos verde e amarelo —, o Flamengo joga contra a Seleção da Costa do Marfim, vence por 3 x 0 e

faz a festa das faixas pelo título da Copa União. "O Nabi não manda nada", comemorava o presidente do rubro-negro, Márcio Braga, que ofereceu três mil litros de chope para a torcida.



Zico não jogou, mais foi...

PAULISTAS NA FRENTE — A Seleção Paulista de futebol, dirigida por Rubens Minelli, derrota a de Goiás por 3 x 1 (gols marcados pelo centroavante Agnaldo, com Valdir descontando), em Anápolis,



...pegar a faixa, como Bebeto

pelo desorganizado Campeonato Brasileiro de Seleções. A partida de volta será no próximo domingo, no Estádio da Cidade Universitária. São Paulo só precisará de um empate para ir às finais, contra o vencedor de Minas Gerais x Rio de Janeiro.

MIL MILHAS — A dupla Zeca Giffone e Luiz Pereira venceu a 18.ª edição das Mil Milhas, em Interlagos. Eles cumpriram as 204 voltas do circuito em 11h31min59s91, com média de 138,372 km/h. Dos 55 carros que largaram na madrugada de domingo, só o Opala de Zeca e Luiz Pereira completou todas as voltas.

AMERICANO CAMPEÃO — Com a vitória do Uberlândia sobre o Juventude (2 x 0), terminou o triangular decisivo do Módulo Azul. O campeão foi o Americano, de Campos, que havia empatado com o time gaúcho (0 x 0) e derrotado os mineiros (2 x 0).

BRASILEIROS NA ITÁLIA — Careca, com o gol marcado na vitória de 2 x 0 do Napoli sobre o Cesena, segue na vice-liderança dos artilheiros do Campeonato Italiano. Ele agora tem sete. Casagrande, do Ascoli, é o quarto, com cinco. Júnior (Pescara), Cerezo (Sampdoria) e Dunga (Pisa) marcaram dois gols cada, totalizando dezoito gols brasileiros dos 286 marcados até agora no certame. O artilheiro, porém, é Diego Maradona, com nove.

O TRI DE WILANDER — O sueco Mats Wilander repete as conquistas de 1983 e 1984 e ganha, em Melbourne, o Aberto da Austrália, ao derrotar o ídolo local, Pat Cash, por 3 sets a 2, parciais de 6/3, 6/7 (3/7), 3/7, 6/1 e 8/6, em 4 horas e meia de partida. Na véspera, a alemã-occidental Steffi Graf, 18 anos e número 1 do mundo, obteve o título feminino ao vencer a norte-americana Chris Evert, 33 anos, por 2 sets a 0, parciais de 6/1 e 7/6 (7/3). □

TESTE 894

30 e 31 de janeiro

JOGOS	ÚLTIMOS RESULTADOS	CONFRONTOS DIRETOS	
1 BENFICA/PORT X PORTO/PORT Última rodada do turno do Campeonato Português. O Benfica trouxe de treinar há três semanas. Mantém a vice-liderança, mas empatou com o Varzim domingo e ficou cinco pontos atrás do líder Porto. O campeão mundial interclubes está impossível. Continua invicto, tem um ataque arrasador — o melhor de Portugal — e marca firme para o bicampeonato nacional. É o favorito.	Benfica/PORT 0 x 1 (Sporting, 19/04/87-F) 0 x 0 (Braga, 27/04/87-C) 2 x 0 (Belenenses, 3/05/88-F) 2 x 0 (Gomurres, 10/05/88-F) 2 x 0 (Boavista, 17/05/88-C) 0 x 0 (Varen, 24/05/88-F) Não Loteria: 128V/135/14D	Porto/PORT 7 x 0 (Rio Ave, 3/04/88-F) 1 x 0 (Espinho, 10/04/88-C) 1 x 0 (Agu, 13/04/88-C) 1 x 0 (Ferreira, 17/04/88-F) 5 x 0 (Salgueiros, 20/04/88-C) 1 x 0 (Académica, 24/04/88-F) Não Loteria: 189V/195/17D	0 x 0 C. Portugal/85-B Porto 2 x 0 C. Port./86-P 1 x 1 C. Portugal/86-P 2 x 2 C. Portugal/86-P Porto 4 x 2 Sporting/86-P Porto 3 x 1 C. Port./87-P Não Loteria: 5V/50/50-P
2 BELENENSES/PORT X VARZIM/PORT O Belenense, do técnico Marinho Peres, é o sexto colocado. Não é uma campanha extraordinária, mas o time joga bonito e aberto, sem retrancas. O Varzim, décimo classificado, não se assusta com o fantasma do descenso. Ao contrário do adversário, arma-se no dinho na defesa, explorando raros contra-ataques. A vantagem de atuar em Lisboa, no Estádio do Restelo, é importante para o Belenense.	Belenenses/PORT 0 x 1 (Ferreira, 13/04/87-F) 1 x 0 (Académica, 20/04/87-C) 3 x 2 (Benfica, 3/05/88-F) 1 x 0 (Braga, 10/05/88-F) 2 x 0 (Gomurres, 17/05/88-C) 0 x 0 (Boavista, 24/05/88-F) Não Loteria: 127V/135/28D	Varzim/PORT 1 x 2 (Penafiel, 13/04/87-F) 2 x 1 (Rio Ave, 27/04/87-C) 0 x 1 (Espinho, 3/05/88-F) 0 x 0 (Ferreira, 10/05/88-F) 0 x 1 (Académica, 17/05/88-F) 0 x 0 (Benfica, 24/05/88-C) Não Loteria: 2V/72/13D	1 x 1 C. Portugal/79-V Belenenses 5 x 1 C. Port./80-B Belenenses 2 x 1 C. Port./84-V Belenenses 3 x 1 C. Port./85-B Varzim 2 x 1 C. Port./86-V Belenenses 4 x 1 C. Port./87-B Não Loteria: 1V/10E
3 PENAFIEL/PORT X SPORTING/PORT O Penafiel sabe tirar proveito das partidas em casa. Nono colocado, mantém-se no bloco intermediário. Se não abafa, pelo menos não sofre com a luta do rebaixamento. O Sporting, sete temporadas sem título, vai continuar na lig. Em sexto lugar, com apenas 21 pontos (dez a menos que o líder Porto), daqui para a frente irá brigar para ganhar o direito de ir a alguma taça europeia. Só isso.	Penafiel/PORT 2 x 1 (Varzim, 13/04/87-C) 0 x 2 (Porto, 27/04/87-F) 3 x 2 (Covilhã, 3/05/88-C) 0 x 0 (Ferreira, 10/05/88-F) 0 x 0 (Portimense, 17/05/88-C) 0 x 0 (Marítimo, 24/05/88-F) Não Loteria: 50/19D	Sporting/PORT 1 x 0 (Benfica, 19/04/87-C) 3 x 2 (Marítimo, 23/04/87-F) 0 x 1 (Braga, 3/05/88-F) 0 x 0 (Braga, 10/05/88-F) 1 x 1 (Chaves, 17/05/88-F) 2 x 1 (Salgueiros, 20/05/88-C) Não Loteria: 67V/70/24D	Sporting 5 x 1 C. Port./83-P Sporting 2 x 1 C. Port./84-S 1 x 1 C. Portugal/84-S Sporting 1 x 0 C. Port./85-P Sporting 6 x 0 C. Port./86-S Sporting 1 x 0 C. Port./86-P Não Loteria: 29V
4 ACADÊMICA/PORT X COVILHÃ/PORT A Acadêmica, de Coimbra, está incomodada na 15.ª posição, com quatorze pontos. Em casa, obtve suas únicas quatro vitórias até agora. É uma equipe modesta. Nem isso o Covilhã consegue ser — o time é ruim mesmo. Caçula da Primeira Divisão, tem passaporte praticamente carimbado para voltar à Segunda. Último colocado, pior defesa, três vitórias em todo o campeonato. Não dá nem zebra.	Académica/PORT 2 x 4 (Benfica, 13/04/87-C) 0 x 1 (Belenense, 20/04/87-F) 1 x 0 (Gomurres, 3/05/88-F) 0 x 1 (Boavista, 10/05/88-F) 1 x 0 (Varzim, 17/05/88-F) 0 x 1 (Porto, 24/05/88-F) Não Loteria: 4V/180/14D	Covilhã/PORT 1 x 2 (Chaves, 13/04/87-F) 1 x 0 (Salgueiros, 27/04/87-C) 2 x 3 (Penafiel, 3/05/88-F) 1 x 0 (Rio Ave, 10/05/88-F) 0 x 2 (Espinho, 17/05/88-F) 3 x 1 (Ferreira, 24/05/88-F) Não Loteria: 2V/50D	Académica 1 x 0 C. Port./85-C Académica 4 x 0 C. Port./86-A 1 x 0 C. Port./87-C 0 x 0 C. Portugal/87-N Não Loteria: primeira vez
5 COLO-COLO/CHI X EVERTON/CHI Última rodada do Campeonato Chileno, que teve o Universidad Católica campeão com várias partidas de antecipação. O Colo-Colo está matematicamente classificado para a <i>liguilla</i> — quadrangular que irá apontar os dois representantes do Chile para a Libertadores. O Everton, que disputou o certame apenas para não cair, termina no bloco intermediário. Deve dar Colo-Colo.	Colo-Colo/CHI 2 x 0 (San Luis, 20/04/87-F) 1 x 0 (Univ. Chile, 27/04/87-C) 3 x 1 (F. Vial, 3/05/88-F) 1 x 1 (Palestino, 10/05/88-C) 0 x 1 (Huachipato, 17/05/88-F) 3 x 0 (Cobresal, 24/05/88-C) Não Loteria: primeira vez	Everton/CHI 0 x 2 (F. Vial, 20/04/87-F) 2 x 0 (Palestino, 27/04/87-C) 0 x 1 (Huachipato, 3/05/88-F) 2 x 1 (Cobresal, 10/05/88-C) 0 x 0 (Lina, 17/05/88-F) 0 x 0 (U. Española, 24/05/88-F) Não Loteria: primeira vez	Colo-Colo 1 x 0 C. Chi./86-N Colo-Colo 2 x 1 C. Chi./87-N Não Loteria: primeira vez
6 COBRELOA/CHI X PALESTINO/CHI Esta partida pode decidir uma vaga para a <i>liguilla</i> . Em seu reduto de Calama — a 3 000 m de altitude —, o Cobreloa se transforma num time praticamente imbatível. O Palestino, dirigido pelo técnico Orlando Aravena, da Seleção Chilena, é uma equipe de contraste incrível: tem o segundo melhor ataque e a defesa mais vazada. Se arrancar um empate no campo do Cobreloa terá feito muito.	Cobreloa/CHI 0 x 1 (Unión Chile, 20/04/87-C) 1 x 2 (Naval, 27/04/87-F) 1 x 0 (U. Española, 3/05/88-F) 0 x 1 (Iquique, 10/05/88-C) 2 x 1 (San Luis, 17/05/88-F) 1 x 1 (Unión Chile, 24/05/88-C) Não Loteria: primeira vez	Palestino/CHI 1 x 1 (Lina, 20/04/87-F) 0 x 2 (Everton, 27/04/87-F) 4 x 4 (Rangers, 3/05/88-F) 1 x 1 (Coblo, 10/05/88-F) 1 x 1 (Cobresal, 17/05/88-F) 1 x 4 (Unión Chile, 24/05/88-F) Não Loteria: 1V/11E	1 x 1 C. Chile/87-N 2 x 2 C. Chile/87-N Não Loteria: primeira vez
7 BARCELONA/ESP X LAS PALMAS/ESP Começa o retorno espanhol. O Barcelona, que havia reagido nas últimas rodadas do primeiro turno, teve uma rodada demasiado passado: perdeu em casa. O Barça está ruim como há muito não se via. Sua sorte é que irá enfrentar o <i>chiquitito Las Palmas</i> , antepedimento colocado, pior defesa e marcado para descer. Não assusta ninguém. Bom prático para o Barcelona se recuperar e amenizar a crise.	Barcelona/ESP 1 x 2 (Real Madrid, 2/04/88-F) 1 x 0 (Espanol, 9/04/88-C) 1 x 0 (Ojean, 16/04/88-F) 1 x 1 (Castella, 13/05/88-F) 1 x 1 (Zaragoza, 20/05/88-F) 0 x 1 (Osasuna, 24/05/88-F) Não Loteria: 64V/25E/23D	Las Palmas/ESP 0 x 0 (Atl. Madrid, 16/04/88-F) 2 x 2 (Mallorca, 3/05/88-F) 3 x 1 (Atl. Madrid, 10/05/88-F) 1 x 1 (Leganés, 17/05/88-F) 2 x 0 (Celta, 24/05/88-F) 1 x 1 (Betis, 24/05/88-F) Não Loteria: 5V/35/23D	Barcelona 2 x 1 C. Esp./86-B Barcelona 3 x 1 C. Esp./85-B Las Palmas 3 x 1 C. Esp./86-LP Barcelona 4 x 0 C. Espanol/86-B 0 x 0 C. Espanol/87-LP Barcelona 2 x 1 C. Esp./87-LP Não Loteria: 5V/10/11-LP
8 REAL SOCIEDAD/ESP X ZARAGOZA/ESP O Real Sociedad, de San Sebastián, corre cinco pontos atrás do líder Real Madrid e ainda sonha com o título. Um dos times mais experientes do futebol espanhol, é fogo vencido no Estádio Atocha. O Zaragoza mantém-se no miolo da classificação (nono, dezesseis pontos) mas quer melhorar, em busca de uma vaga numa das taças europeias — para isso, precisa terminar entre os cinco primeiros.	Real Sociedad/ESP 2 x 1 (Celta, 3/04/88-F) 4 x 0 (Ojean, 10/04/88-F) 1 x 0 (Valencia, 17/04/88-F) 2 x 2 (Atl. Madrid, 24/04/88-F) 0 x 1 (Real Madrid, 1/05/88-F) 3 x 0 (Ojean, 24/05/88-F) Não Loteria: 22V/18/15D	Zaragoza/ESP 1 x 0 (Mallorca, 13/04/87-C) 4 x 2 (Leganés, 20/04/87-F) 1 x 1 (Celta, 3/05/88-F) 0 x 1 (Betis, 10/05/88-F) 1 x 1 (Barcelona, 17/05/88-F) 1 x 1 (Murcia, 24/05/88-F) Não Loteria: 8V/15E/17D	Real Sociedad 2 x 1 C. Esp./84-RS Real Sociedad 2 x 0 C. Esp./85-RS Zaragoza 3 x 1 C. Esp./86-Z 0 x 1 (Betis, 10/05/88-F) Zaragoza 1 x 0 C. Esp./86-RS Zaragoza 1 x 0 C. Esp./87-Z Zaragoza 1 x 0 C. Esp./87-Z Não Loteria: 1E

O MAPA DA MINA

Este quadro mostra quantas vezes deu cada coluna na Loteria. Como se vê, quem joga em casa costuma levar vantagem.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	361	409	378	399	400	413	379	351	378	389	355	384	341	002	004	004
x	291	241	270	259	261	266	264	300	273	299	266	262	297	001	001	001
2	238	240	244	232	229	211	247	239	241	222	269	244	252	004	002	002

JOGOS	ÚLTIMOS RESULTADOS	CONFRONTOS DIRETOS	
9 VALLADOLID/ESP X GIJÓN/ESP Bela surpresa espanhola da temporada, o Valladolid, apesar da derrota (normal) para o líder Real na rodada passada, sustenta um excelente quinto lugar (21 pontos). O Gijón é outro pequeno que está bem colocado (nono, dezesseis pontos). Equipe bastante limitada, vem superando-se com vontade. A vantagem de jogar em Valladolid pode determinar a vitória do time da casa.	Valladolid/ESP 1 x 0 (Betis, 13dez/97-C) 4 x 2 (Barcelona, 20dez/97-F) 1 x 0 (Múrcia, 3jan/98-C) 0 x 1 (R. Sociedad, 10jan/98-F) 0 x 1 (Cádiz, 17jan/98-F) 0 x 2 (Real Madrid, 24jan/98-C) Na Loteria: 1V/26/11D	Gijón/ESP 3 x 1 (Celta, 20dez/97-F) 1 x 0 (Betis, 3jan/98-C) 0 x 4 (R. Sociedad, 6jan/98-F) 0 x 1 (Barcelona, 10jan/98-F) 1 x 1 (Múrcia, 17jan/98-F) 0 x 3 (R. Sociedad, 24jan/98-F) Na Loteria: 12V/26/11D	Valladolid 3 x 1 C. Esp. /84-G Valladolid 0 x 1 C. Esp. /85-V Gijón 3 x 1 C. Esp. /86-G Valladolid 2 x 0 C. Esp. /86-B Gijón 3 x 1 C. Esp. /86-G 0 x 0 C. Espanhol/87-G Na Loteria: primeira vez
10 BETIS/ESP X SEVILLA/ESP Clássico da cidade de Sevilha. O Betis tem uma defesa cheia de buracos, que costuma entregar o ouro. Seu ataque também não é de fazer muitos gols. Já o Sevilla não tem meio-termo: atua aberto e solto. Joga para ganhar ou perder, e dificilmente empata. Partida de difícil prognóstico — há intensa rivalidade das torcidas e os dois times se equivalem, tecnicamente. Qualquer resultado é normal.	Betis/ESP 1 x 0 (Real Madrid, 20dez/97-C) 0 x 1 (Gijón, 3jan/98-F) 0 x 1 (Sabadell, 6jan/98-F) 1 x 0 (Zaragoza, 10jan/98-C) 0 x 1 (Orense, 17jan/98-F) 1 x 1 (Las Palmas, 24jan/98-C) Na Loteria: 12V/18/14D	Sevilla/ESP 1 x 0 (Atl. Madrid, 20dez/97-F) 2 x 0 (Sabadell, 3jan/98-C) 1 x 2 (Castellón, 6jan/98-F) 0 x 1 (Málaga, 10jan/98-F) 2 x 0 (Logroñés, 17jan/98-F) 0 x 2 (Celta, 24jan/98-C) Na Loteria: 18V/14/11D	Betis 1 x 0 C. Esp. /84-B Sevilla 1 x 0 C. Esp. /85-S Betis 1 x 0 C. Esp. /86-B 0 x 0 C. Esp. /86-B Sevilla 2 x 1 C. Esp. /87-S Betis 2 x 1 C. Esp. /87-S Na Loteria: 1x5
11 SABADELL/ESP X ATLÉTICO DE MADRID/ESP O Sabadell ganhou três das dezesseis partidas que disputou. É o último colocado na tabela, mas vem de importante vitória sobre o Atlético de Bilbao, em casa. Pode ser o início de um milagre. O Atlético de Madrid, vice-líder (vem cinco pontos atrás do Real Madrid), está há dez temporadas na fila. É o time de Alemao e do português Fúte. Não pode perder pontos para equipes menores.	Sabadell/ESP 0 x 2 (Sevilla, 3jan/98-F) 1 x 0 (Betis, 6jan/98-F) 2 x 2 (Espanol, 10jan/98-C) 3 x 1 (Real Madrid, 13jan/98-C) 1 x 2 (Valencia, 17jan/98-F) 3 x 1 (Atl. Bilbao, 24jan/98-C) Na Loteria: 1V/26/11D	Atlético de Madrid/ESP 2 x 0 (Espanol, 3jan/98-F) 3 x 1 (Las Palmas, 6jan/98-F) 2 x 1 (Valencia, 10jan/98-C) 1 x 1 (R. Sociedad, 13jan/98-C) 1 x 5 (Atl. Bilbao, 17jan/98-F) 2 x 1 (Celta, 24jan/98-C) Na Loteria: 8V/26/14D	Atl. Madrid 3 x 0 C. Esp. /75-S Atl. Madrid 1 x 0 C. Esp. /80-S 1 x 1 C. Espanhol/87-AM Atl. Madrid 1 x 0 C. Esp. /87-AM Na Loteria: 1x1V4M
12 INTERNAZIONALE/ITA X COMO/ITA Segunda rodada do retorno do Campeonato Italiano. A Internazionale, com seis vitórias em dezesseis partidas, distanciou-se demais do bloco que briga pelo título. Existe, porém, uma grande diferença de forças entre os dois times. O Como, apesar de ter empatado com a Juventus, domingo, está ameaçado de cair. Ocupa uma posição difícil (penúltima) e ainda não venceu fora de seu campo.	Internazionale/ITA 1 x 1 (Sampdoria, 3jan/98-F) 3 x 1 (Bologna, 6jan/98-F) 2 x 0 (Cesena, 10jan/98-C) 3 x 1 (Avellino, 13jan/98-F) 3 x 0 (Bologna, 20jan/98-C) 1 x 1 (Pescara, 24jan/98-F) Na Loteria: 45V/34/16D	Como/ITA 0 x 0 (Torino, 13dez/97-F) 0 x 0 (Torino, 20dez/97-C) 0 x 2 (Pescara, 3jan/98-F) 1 x 1 (Verona, 10jan/98-F) 0 x 5 (Málaga, 17jan/98-F) 1 x 1 (Juventus, 24jan/98-C) Na Loteria: 3V/14/21BD	Inter 1 x 0 C. Ital. /84-I 0 x 0 C. Italianos/85-C Como 1 x 0 C. Ital. /85-I 1 x 1 C. Ital. /86-C Inter 1 x 0 C. Ital. /87-I Inter 2 x 1 C. Ital. /87-C Na Loteria: 1x1
13 ASCOLI/ITA X NAPOLI/ITA Dentro de seu estádio, o Ascoli, empurrado pela torcida, costuma colher bons resultados. Permanece invicto em casa, aliás. Pega o Napoli, campeão do primeiro turno e ainda líder do retorno. Não sofreu gols em seus três mais recentes jogos e marcou sete. Tem o ataque mais positivo. Uma atração a mais: é a equipe de Casagrande contra a de Careca, além do duelo Hugo x Diego Maradona.	Ascoli/ITA 1 x 1 (Avellino, 3jan/98-F) 1 x 0 (Milan, 6jan/98-F) 2 x 1 (Pescara, 10jan/98-C) 0 x 1 (Cesena, 17jan/98-F) 1 x 1 (Milan, 20jan/98-C) 0 x 3 (Roma, 24jan/98-F) Na Loteria: 11V/18/17D	Napoli/ITA 1 x 4 (Milan, 3jan/98-F) 2 x 3 (Fiorentina, 6jan/98-C) 4 x 0 (Verona, 10jan/98-F) 1 x 0 (Sampdoria, 17jan/98-F) 1 x 1 (Verona, 20jan/98-F) 2 x 0 (Cesena, 24jan/98-F) Na Loteria: 22V/28/26D	2 x 2 C. Italianos/84-A 1 x 1 C. Italianos/84-A 1 x 1 C. Italianos/85-N Napoli 3 x 0 C. Ital. /87-N 1 x 1 C. Ital. /87-A Napoli 2 x 1 C. Ital. /87-N Na Loteria: 2xN
14 JUVENTUS/ITA X EMPOLI/ITA A Juventus, <i>la vecchia signora</i> , vai mal das pernas. Faz três jogos que não sabe o que é uma vitória. De suas últimas seis partidas, ganhou uma. Um índice negativo surpreendente para uma equipe de tamanha tradição. Está em sexto lugar. O Empoli, castigado com cinco pontos negativos quando o campeonato começou, não conseguiu sair do último lugar. Marcou apenas onze gols em dezesseis jogos.	Juventus/ITA 2 x 2 (Torino, 3jan/98-F) 1 x 0 (Pescara, 6jan/98-F) 0 x 1 (Milan, 10jan/98-C) 1 x 1 (Fiorentina, 17jan/98-F) 0 x 2 (Pescara, 20jan/98-F) 1 x 1 (Como, 24jan/98-F) Na Loteria: 85V/48/18D	Empoli/ITA 0 x 1 (Verona, 3jan/98-F) 2 x 1 (Roma, 6jan/98-C) 0 x 0 (Avellino, 10jan/98-F) 0 x 0 (Pescara, 17jan/98-F) 0 x 0 (Roma, 20jan/98-F) 2 x 2 (Sampdoria, 24jan/98-F) Na Loteria: 3V/4D	Juventus 1 x 0 C. Ital. /86-N Juventus 3 x 0 C. Ital. /87-J Juventus 2 x 0 C. Ital. /87-J Empoli 1 x 0 C. Ital. /87-E Na Loteria: 1x1V1E
15 CESENA/ITA X ROMA/ITA Preocupado antes de mais nada em permanecer na série A, o Cesena vem cumprindo bem seu objetivo. Oitavo colocado, o fantasma do rebaixamento não o assusta mais. A Roma, bastante irregular no primeiro turno, está em terceiro e cinco pontos atrás do líder Napoli. Sustenta tênues esperanças de título e não pode perder pontos em partidas como esta, mesmo jogando fora de casa: é tudo ou nada.	Cesena/ITA 3 x 0 (Como, 13dez/97-C) 2 x 2 (Empoli, 20dez/97-F) 1 x 1 (Pisa, 3jan/98-C) 0 x 2 (Inter, 10jan/98-F) 1 x 1 (Ascoli, 17jan/98-F) 0 x 2 (Napoli, 24jan/98-F) Na Loteria: 1V/26/11D	Roma/ITA 0 x 1 (Fiorentina, 3jan/98-F) 1 x 2 (Empoli, 6jan/98-F) 1 x 1 (Torino, 10jan/98-F) 1 x 0 (Verona, 17jan/98-F) 0 x 0 (Empoli, 20jan/98-F) 3 x 0 (Ascoli, 24jan/98-F) Na Loteria: 64V/48/18D	Cesena 1 x 0 C. Ital. /83-R Roma 1 x 0 C. Ital. /82-R 1 x 1 C. Ital. /83-C Roma 2 x 0 (Alemanni/86-C) Roma 2 x 1 C. Ital. /87-I Roma 2 x 0 C. Ital. /87-R Na Loteria: 1x1R
16 FIORENTINA/ITA X MILAN/ITA Na fila do <i>scudetto</i> há deztoito anos, a Fiorentina dá um verdadeiro vexame também nesta temporada. Vem à frente de quatro times somente e, sem exagero, pode ter problemas de rebaixamento, se não se cuidar. Seu adversário, o Milan, parece ser o único a ameaçar o bi do Napoli. Três pontos o separam do líder. A equipe está embalada e uma vitória, mesmo que em Florença, será resultado normal.	Fiorentina/ITA 0 x 0 (Roma, 3jan/98-C) 1 x 2 (Napoli, 6jan/98-F) 0 x 4 (Napoli, 10jan/98-F) 1 x 1 (Juventus, 17jan/98-F) 0 x 1 (Napoli, 20jan/98-C) 0 x 1 (Verona, 24jan/98-F) Na Loteria: 22V/28/26D	Milan/ITA 4 x 1 (Napoli, 3jan/98-F) 1 x 1 (Ascoli, 6jan/98-F) 1 x 0 (Juventus, 10jan/98-F) 5 x 0 (Como, 17jan/98-F) 1 x 1 (Ascoli, 20jan/98-F) 0 x 1 (Pisa, 24jan/98-C) Na Loteria: 34V/28/19D	1 x 1 C. Ital. /84-M Fiorentina 2 x 0 C. Ital. /85-F Milan 1 x 0 C. Ital. /85-F Milan 3 x 0 C. Ital. /86-M 2 x 2 C. Italianos/87-F Fiorentina 2 x 0 C. Ital. /87-M Na Loteria: 2x7V/12xM

EM ATRASO

Nesta tabela, você fica sabendo há quantas semanas não dá cada coluna. Os traços representam o resultado do último teste.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
x	—	1	—	1	2	—	1	—	2	1	2	—	1	—	—	—
x	4	—	2	—	1	2	12	7	4	2	—	3	—	1	2	6
2	1	2	1	6	—	1	—	1	—	—	6	2	3	2	3	4

este número exagerado de mascotes. Queremos ver nossos craques!

Antônio Carlos Martins
Santa Terezinha de Goiás, GO

Voltem a publicar os excelentes "Posters-Nostalgia", como vinham fazendo no ano passado. Eles farão a alegria de muita gente, como eu. Existem muitos times do passado que ainda merecem esta homenagem.

Odair Jorge Patrão
Santo André, SP

■ Fernando Vannucci

Estou precisando do endereço para correspondência de Fernando Vannucci, um dos principais apresentadores dos programas esportivos da Rede Globo e personagem de uma reportagem em PLACAR n.º 919.

Mauro Siqueira Campos
Goiânia, GO

Escreva para Rua Lopes Quintas, 303, Jardim Botânico, CEP 22460, Rio de Janeiro, RJ.

■ Surpresa, vovô!

Meu avô Adelino é corinthiano fanático. Por isso, gostaria de lhe fazer uma surpresa. Publiquem, por favor, a foto do time do Corinthians campeão paulista de 1954.

Cláudio Gloria
Americana, SP



Golazo de Zico contra o Santa Cruz: uma falta sentida

■ As imagens do ano

A edição com as melhores imagens do ano (PLACAR n.º 918) estava realmente fantástica. Só senti falta de uma foto: a do terceiro gol de Zico na vitória de 3 x 1 sobre o Santa Cruz, pela Copa União. Para perdoar o esquecimento, publiquem aquela "pintura" de novo na seção "Cartas".

Aloísio da Silva
Catu, BA

■ Intercâmbio

Jovem de 20 anos, moreno de olhos verdes, deseja se corresponder com leitores de PLACAR de ambos os sexos e de todas as idades.

Gilberto Carlos Rangel
Caixa Postal, 25
CEP 29192, Aracruz, ES

Troco correspondência com torcedores do Flamengo.

Francisco de Assis Coelho
Rua Marechal Deodoro, 131,
CEP 68745, Castanhal, PA

Desejo trocar revistas, distintivos, posters, livros, cartões-postais, camisetas e tudo o

que diga respeito ao futebol brasileiro. Ofereço os mesmos souvenirs do futebol da União Soviética.

S.G. Agabekov
Post Box 70,
38002, Tbilisi-2, URSS

Gostaria de me corresponder com jovens corinthianos e botafoguenses de todo o Brasil.

André Stucchi
Rua Gastão Vidigal, 324,
CEP 13360, Capivari, SP

Alô, torcedoras do Fluminense. Vamos trocar cartas sobre futebol?

Adelton da Silva Lopes
Rua Princesa Isabel, 39,
CEP 48890, Valente, BA

Sou atletiano fanático e gostaria de trocar correspondência com torcedores de Corinthians, Botafogo, Grêmio e Bahia.

Flávio Vieira Costa
R. Abadia dos Dourados, 85,
CEP 31810,
Belo Horizonte, MG

■ Recorde no Morumbi

Qual é o recorde de público do Estádio do Morumbi?

José Antônio Silva
São Paulo, SP
Sérgio Augusto Aguiar
Joinville, SC

Foram 138032 pagantes na partida Ponte Preta 2 x Corinthians 1, dia 9 de outubro de 1977 — a segunda da decisão do Campeonato Paulista.

Todas as cartas enviadas a PLACAR serão respondidas. Não se esqueça, portanto, de colocar sempre seu nome e endereço completos e em letra bem legível.
Por motivo de espaço ou clareza, podemos publicar as cartas resumidamente.
Cartas para a redação:
Caixa Postal 2372, CEP 01051,
São Paulo, SP

ESCUDINHOS PARA OS SEUS BOTÕES

Mais duas equipes que disputaram a Copa União para você montar:
Corinthians e Fluminense, clubes que fizeram uma grande troca recentemente.
Paulinho foi para o Parque São Jorge, Cacaue e Jorginho, para as Laranjeiras.



Corinthians campeão de 1954: presente do neto Cláudio

ELDORADO PORTUGUÊS

Os clubes de Portugal continuam com a mania de importar jogadores brasileiros. É tanta gente indo para lá que a Federação Portuguesa pensa em transferir o segundo turno de seu campeonato para o Brasil: no mínimo, eles economizariam o dinheiro das passagens. Alguns times já teriam até publicidade nas camisas, se isso acontecer. O Chaves, por exemplo, seria bancado pelas fechaduras Papaiz, e o Setúbal, pelo Banco Itaú.

Enquanto eles esperam uma definição, não param de contratar. O Marítimo, que não quer morrer na praia, deve levar na semana que vem alguns reforços: Edmar, Josimar, Vilmar e Uidemar. Ainda não fechou negócio porque acha o preço dos quatro um pouco salgado.

O Espinho vem atrás do lateral Alfinete. O Boavista está de olho em Delei, do Palmeiras. Espera apenas que ele se recupere de um problema de visão. O Porto anda atrás da âncora do distintivo do Corinthians. O Salgueiros esteve sondando o mestre-sala da Portela, mas pode ser que acabe levando toda a ala de baianas da Mangueira.

O Sporting ficou sabendo que São Paulo e Corinthians estão com goleiros sobrando e vai contratar Gilmar e Waldir Peres, para disputarem posição — jogará quem estiver melhor. A Acadêmica, na semana passada, fez uma proposta ao Doutor Sócrates, que não aceitou porque em Lisboa não tem pinguim, seu bicho predileto.

A tentativa de levar Sócrates,

aliás, reabriu uma discussão nos meios esportivos portugueses. Há quem critique que os clubes vêm importando jogadores em fim de carreira, verdadeiros "vovôs" brasileiros. Para mostrar o contrário, o Belenenses mandou um emissário a Campinas para buscar Neto. O craque do Guarani, porém, não irá para Portugal por problemas com a língua: é que Neto corre um minuto e ela fica de fora.

Em todas essas transações houve um caso polêmico, que pouca gente ficou sabendo. Aconteceu em dezembro. O Benfica queria levar o lateral-direito Zanata, do Bahia. Paulo Maracajá não quis vender o jogador, mas propôs um troca-troca. Os portugueses recusaram. Ficaram com medo da Aids. □



A PORTE AQUI

No mar, as emoções de um verão maravilhoso. Em terra firme, as informações de Esportes e NÁUTICA. A começar pelo teste da ENGENMARE 46: sofisticação e performance numa lancha de grande porte. A novidade em veleiros fica por conta do inédito MB 45 e do MOD. 23.

Mergulhe fundo neste paraíso: Esportes e NÁUTICA traz os sete melhores locais de mergulho do planeta



e toda a magia da vida natural em Fernando de Noronha.

E tem mais: Skurfer, Slalom, o novo wind-surf, Pára-sail, um voo de pára-quedas.

Revista Esportes e NÁUTICA de janeiro. Aporte na banca mais próxima e embarque nessa.



Exija Peças Genuínas GM.



Ou deixe o triângulo no jeito.



Na hora de revisar seu Chevrolet, não deixe por menos. Porque as Peças Genuínas GM são a garantia de que você só vai usar o triângulo de segurança se o pneu furar.



QUALIDADE QUE VEM DE FÁBRICA